

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Andréa Inês Calini

**A BIBLIOTECA ESCOLAR E O ESTÍMULO AO PRAZER NAS LEITURAS
OBRIGATÓRIAS DO VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL COM OS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO:
estudo de caso**

PORTO ALEGRE
2009

Andréa Inês Calini

**A BIBLIOTECA ESCOLAR E O ESTÍMULO AO PRAZER NAS LEITURAS
OBRIGATÓRIAS DO VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL COM OS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO:
estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Departamento de Ciências da
Informação da Faculdade de Biblioteconomia
e Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito à obtenção
do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª Me. Eliane Lourdes da
Silva Moro

PORTO ALEGRE
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Ricardo Schneider da Silva

Vice-Diretor: Profª Regina Helena Van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profª Ana Maria Moura

Chefe substituta: Profª Helen Beatriz Frota Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profª Glória Ferreira

Vice-Coordenadora: Profª Samile Vanz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C154b

Calini, Andréa Inês

A biblioteca escolar e o estímulo ao prazer nas leituras obrigatórias do vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio: estudo de caso / Andréa Inês Calini; orientação [de] Eliane Lourdes da Silva Moro. – Porto Alegre, 2009.

1. Biblioteca 2. Biblioteca escolar 3. Leitura obrigatória
4. Adolescente I. Moro, Eliane Lourdes da Silva II. Título.

CDU 021.3

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

CEP 90035-007 Porto Alegre – RS

Fone: (51) 33085067

Fax: (51) 33085435

E-mail: fabico@ufrgs.br

Andréa Inês Calini

**A BIBLIOTECA ESCOLAR E O ESTÍMULO AO PRAZER NAS LEITURAS
OBRIGATÓRIAS DO VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL COM OS ALUNOS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO:
estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Departamento de Ciências da
Informação da Faculdade de Biblioteconomia
e Comunicação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito à obtenção
do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Conceito final:

Aprovado em: ____ de _____ de 2009.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Lizandra Estabel - UFRGS

Profª Dra. Iara C. B. Neves - UFRGS

Orientadora - Profª Me. Eliane Lourdes da Silva Moro – UFRGS

À minha filha, Paola, com muito amor.

AGRADECIMENTOS

À minha amiga e co-orientadora não oficial, Sílvana Sant'Anna, que colocou ordem no caos e tornou a conclusão deste trabalho possível. Sua ajuda foi inestimável.

Às minhas amigas e colegas, Nora e Adriane, pela amizade e incentivo.

À minha supervisora de estágio, Andréa Fontoura, por todos os ensinamentos e pelo apoio.

Aos alunos do Colégio Marista São Pedro, Andressa Liegi, Andressa Roana, Fernanda Menegassi, Henrique Cardoso, João Braga e Luiz Motta, por abraçarem comigo essa idéia, com grande dedicação.

Ao meu esposo, Júlio, que me ajudou a escolher o curso de Biblioteconomia. Agradeço por todo o amor e incentivo.

À minha filha, Paola, pelo amor, paciência e por fazer parte da minha vida.

À minha irmã do coração, Elisângela, pela amizade de uma vida inteira.

À minha família, pelo apoio e compreensão.

A todos meus amigos, pelo carinho.

“A toda leitura preside, mesmo que seja inibido, *o prazer de ler*; e, por sua natureza mesma – essa fruição de alquimista -, o prazer de ler não teme imagem, mesmo televisual e mesmo sob a forma de avalanches cotidianas.

Se, entretanto, o prazer de ler ficou perdido (se, como diz, meu filho, minha filha, os jovens não gostam de ler), ele não se perdeu assim tão completamente.

Desgarrou-se, apenas.

Fácil de ser re-encontrado.

Ainda que seja preciso saber por quais caminhos procurá-lo, e para fazê-lo, enumerar algumas verdades sem relação com os efeitos da modernidade sobre a juventude. Algumas verdades que nos concernem. E só a nós... que afirmamos “gostar de ler”, e que pretendemos partilhar esse amor.”

Daniel Pennac

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta os resultados da verificação de como os alunos do terceiro ano do ensino médio são estimulados para as leituras obrigatórias do vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pela biblioteca escolar. Relata a atividade desenvolvida como projeto piloto, a dramatização do conto *O Caso da Vara* de Machado de Assis, com os alunos do terceiro ano do ensino médio do Colégio Marista São Pedro, em Porto Alegre. Utiliza como metodologia o estudo de caso tendo como sujeitos uma bibliotecária, um professor de Literatura, dois alunos atores e quatro alunos espectadores da atividade. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados fontes bibliográficas, observação direta participante e entrevista semiestruturada. Constata que há receptividade dos jovens em relação a outras formas de leitura. Conclui que a biblioteca escolar pode estimular o prazer de ler leituras obrigatórias para o vestibular com os alunos do ensino médio, através de atividades lúdicas, tal como o teatro.

Palavras-chave: Biblioteca. Biblioteca Escolar. Adolescente. Leitura Obrigatória.

ABSTRACT

This study presents the results of verification of the assimilation of the third year of high school are encouraged to read what is required of vestibular Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) for the school library. We report the activity performed as a pilot project, a dramatization of the story *The Case of Rod - O Caso da Vara - Machado de Assis*, with the third-year students of secondary education from the Marist College Saint Peter – Colégio Marista São Pedro -, in Porto Alegre. Methodology used as a case study as subjects with a librarian, a professor of literature, two students and four student actors spectators activity. The research tools were used literature sources, direct observation and participant-structured interviews. Notes that there is receptivity of young people in relation to other forms of reading. It concludes that the school library can stimulate the pleasure of reading required reading for college entrance exams with high school students, through recreational activities, such as theater.

Keywords: Library. School Library. Adolescent. Compulsory Reading.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 JUSTIFICATIVA	12
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo Geral	13
1.2.2 Objetivos Específicos	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 BIBLIOTECA ESCOLAR	14
2.1.1 O Bibliotecário na Biblioteca Escolar	17
2.2 AS FASES DA LEITURA	19
2.2.1 A Adolescência e a Leitura	21
2.3 CONTEXTO DO ESTUDO: COLÉGIO MARISTA SÃO PEDRO	23
2.3.1 A Biblioteca do Colégio Marista São Pedro	24
2.3.2 Projeto Pedagógico de Literatura para o Terceiro Ano do Ensino Médio	25
2.4 LEITURAS OBRIGATÓRIAS PARA O VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL NO ANO DE 2010	27
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	28
3.1 FASE EXPLORATÓRIA	28
3.2 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO-PILOTO	28
3.2.1 Etapas da Pesquisa	29
3.2.2 Sujeitos do Estudo	30
3.2.3 Análise das Observações	31
3.2.4 Encontros	32
3.2.5 Ensaios	32
3.2.6 Apresentação da Dramatização	33
3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	34
3.3.1 Entrevista Semiestruturada	34
<i>3.3.1.1 Entrevista com a Bibliotecária</i>	<i>35</i>
<i>3.3.1.2 Entrevista com o Professor de Literatura</i>	<i>39</i>
<i>3.3.1.3 Entrevista com os Alunos Atores</i>	<i>43</i>
<i>3.3.1.4 Entrevista com os Alunos Espectadores</i>	<i>48</i>
4 RESULTADOS OBTIDOS	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54

REFERÊNCIAS 56

APÊNDICES

A – Projeto Prazer em Ler 59

B – O Caso da Ripa (Adaptação de *O Caso da Vara*) 64

C – Fotos do Teatro 77

ANEXOS

A – O Caso da Vara (Machado de Assis) 83

B – Resolução nº16/2006-CEPE de 08/03/2006 93

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca para cumprir seu papel como centro de aprendizagem integrado à escola precisa do livro e da promoção da leitura para alcançar seu objetivo: facilitar a aprendizagem dinâmica e participativa do aluno.

Estando leitura, escola e biblioteca inevitavelmente interligadas, evidencia-se a necessidade de uma maior participação de ambos na vida do aluno. O aprendizado não pode ser visto como um mal necessário, mas sim, como uma necessidade incondicional. E esta é a função básica do ambiente escolar: ensinar a gostar de aprender, e gostar de aprender significa gostar de ler.

A leitura só passa a fazer parte da vida do estudante quando é, entre outras coisas, uma fonte de prazer.

A biblioteca escolar surge, neste contexto, como a ponte de acesso entre leitura prazerosa e aluno.

O aluno sente-se fracassado ao ser colocado diante de um texto que não entende e que deveria entender, pois, caso contrário, não passará no vestibular, e, conseqüentemente, não entrará para a faculdade.

Todos esses medos e premissas envolvem a leitura obrigatória. O maior desafio da biblioteca escolar consiste em fazer com que todas estas imposições materializadas em um texto, sejam desmistificadas através de ações que façam o aluno esquecer suas neuroses escolares, atribuindo à leitura o sentido de fonte de enriquecimento interior e de prazer e não de penalização e avaliação.

Com base nisso, o presente estudo propôs à comunidade escolar o projeto Prazer em Ler (APÊNDICE A) que visa tornar as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) mais prazerosas para os alunos do terceiro ano do ensino médio, através de atividades relacionadas.

O trabalho foi realizado no Colégio Marista São Pedro. Como estudo-piloto foi realizada a dramatização do conto *O Caso da Vara* (ANEXO A), de Machado de Assis, com coordenação da estagiária Andréa Calini, apoio da bibliotecária-chefe da biblioteca da escola Andréa Fontoura e participação dos alunos do terceiro ano do ensino médio que se dispuseram voluntariamente. Os encontros e ensaios ocorreram no espaço da biblioteca e do auditório.

O referido conto foi adaptado para a forma teatral e teve seu título alterado para *O Caso da Ripa* (APÊNDICE B).

A escolha do teatro se deu pelo fato deste ser uma forma de arte que estimula a expressão oral e corporal, além de desenvolver o raciocínio, a imaginação e a criatividade.

1.1 JUSTIFICATIVA

A justificativa para este trabalho ocorreu em função da quase inexistência de ações, promovidas pela Biblioteca, que estimulassem o prazer em leituras obrigatórias para o vestibular.

A estudante constatou, durante o estágio curricular obrigatório realizado na Instituição, que os alunos do terceiro ano do ensino médio ficavam envolvidos, quase que exclusivamente, com as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O presente estudo pretendeu ajudá-los, tornando-as mais prazerosas, através de atividades relacionadas, uma vez que essas leituras podem ser traumatizantes para o estudante, devido ao grande volume de matérias a serem estudadas na conclusão do ensino médio e pouca familiaridade da maioria deles com a linguagem dos clássicos.

Este projeto justifica-se também, por estar alinhado à missão e à visão da Rede Marista que visa oferecer uma educação apaixonante, que marque o coração e a mente dos que passam pelas suas escolas e educar através de processos criativos e inovadores.

1.2 OBJETIVOS

Nesta seção serão apresentados os objetivos deste estudo.

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar como os alunos do terceiro ano do ensino médio são estimulados para as leituras obrigatórias do vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pela biblioteca escolar.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) identificar as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);
- b) observar se a biblioteca escolar estimula as leituras obrigatórias através de atividades envolvendo os alunos do terceiro ano do ensino médio;
- c) identificar as atividades realizadas pela biblioteca escolar que estimulem leituras indicadas ao Vestibular;
- d) propor uma atividade que estimule as leituras obrigatórias;
- e) analisar os dados obtidos através da observação e da entrevista com os sujeitos envolvidos;
- f) verificar se as atividades desenvolvidas contribuíram para o estímulo às leituras obrigatórias.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção é composta pelo referencial teórico, que aborda a biblioteca escolar e sua relação com o bibliotecário, as fases da leitura e a adolescência.

2.1 BIBLIOTECA ESCOLAR

A escola, sendo um centro de saber acumulado, tem a função de transmissão da cultura e do conhecimento às novas gerações, sendo fundamental no desenvolvimento do indivíduo e de sua cidadania.

Amato e Garcia (1989), afirmam ser a biblioteca um recurso indispensável na formação do educando, como parte de todo o processo ensino-aprendizado e como incentivadora de toda ação educacional. É bastante clara neste sentido, a necessidade de entrosamento entre a biblioteca e todo o sistema pedagógico da escola onde ela está inserida, visando o benefício de todos, bibliotecários, professores e alunos.

Embora na literatura, os autores concordem que é difícil chegar a um consenso do que seja biblioteca escolar, algumas definições parecem pertinentes.

Segundo Corrêa et al. (2002, p. 110), define-se biblioteca escolar:

[...] como uma instituição onde estão organizados itens bibliográficos, como também outros meios, onde estão disponibilizadas as informações, de maneira que satisfaça seus usuários, despertando-os para a pesquisa e leitura, desenvolvendo sua criatividade e sua consciência crítica. [...] é um sistema no qual se encontram acessíveis as fontes de informação, onde estão armazenados os registros do pensamento humano dos diferentes séculos, devendo atender a alunos, professores e aos demais, que se fazem presentes no contexto escolar.

Complementando essa idéia, têm-se a definição da ORGANIZAÇÃO... (1985, p.22):

A biblioteca escolar é uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educativo e participa de seus objetivos, metas e fins. A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e a formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoio aos docentes em sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões na aula.

De fato não há como pensar o processo de ensino sem o apoio da biblioteca escolar. “A biblioteca escolar é o centro do fazer educativo.” (NERY, 1989, p. 56). A importância da biblioteca escolar é ainda ressaltada por Santos (1989, p. 104): “A biblioteca escolar é a base sobre a qual se edificam todas as outras bibliotecas gerais ou especializadas.”.

Em princípio, é preciso considerar que o aluno que não aprende, ainda no nível básico de sua educação, a entender a biblioteca, como usá-la, qual sua importância dentro da escola, e que não se sente confortável neste ambiente, dificilmente será um adulto que usufrua de uma biblioteca. Muitas vezes são alunos que, quando no curso intermediário ou superior, pensam poder fazer suas pesquisas inteiramente com o auxílio da Internet. Julgam a ida à biblioteca como sendo uma perda de tempo, acreditam que tudo de que precisam está disponível *on-line*, sem qualquer análise crítica sobre seu conteúdo. Em contrapartida, a internet não pode ser desconsiderada como fonte de informação, inclusive pelo fascínio que exerce entre crianças e jovens, devendo a biblioteca incorporar ao seu meio a informação virtual, através da seleção de *sites* confiáveis e, a longo prazo, ensiná-los a utilizar os recursos informacionais nas suas mais variadas formas, de maneira consciente.

Para tanto é necessária uma reflexão sobre a missão da biblioteca escolar e quais seus reais objetivos. Para Stumpf (1987, p. 71), o papel da biblioteca escolar seria o de “[...] estimular, coordenar e organizar o processo de leitura para que, através dela o indivíduo aumente seus conhecimentos, sua capacidade crítica e reflexiva, que lhe permitam atuar melhor na sociedade.” O processo de despertar para leitura não é simplesmente fazer com que o aluno leia um livro,

mas que ele possa, através de sua sensibilidade e de suas emoções, captar e entender o que leu.

Com pensamento semelhante, Fragoso (2002), afirma que a biblioteca escolar desempenha duas grandes funções: a educativa e a cultural. Na função educativa ela representaria um reforço ao aluno e ao professor em suas ações, ao passo que na função cultural ela torna-se um complemento educacional, na medida em que leva o aluno a ampliar seus conhecimentos através de uma vasta gama de leituras, o que contribui na formação de seu espírito crítico. Mas é possível salientar também outras duas funções concernentes à biblioteca escolar, quais sejam, a função recreativa e a informativa. Na primeira é despertado o interesse da criança através de práticas como a hora do conto ou a escolha livre do livro ou gibi que gostaria de ler. Na segunda são atividades que procuram desenvolver as habilidades de ler, escrever e falar, através de trabalhos solicitados pelos professores, quando muitas vezes são propostas leituras sobre manchetes de jornais, com o intuito de despertar as opiniões dos alunos sobre o que foi lido.

De acordo com a UNESCO/IFLA (1999) os objetivos da biblioteca escolar são:

- a) servir de apoio na consecução dos objetivos educacionais relacionados com o currículo da escola;
- b) desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem e a fazerem uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- c) oportunizar vivência de produção e uso da informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e entretenimento;
- d) prestar apoio aos estudantes durante a sua aprendizagem e prática no uso da informação, sob qualquer forma ou meio, tornando-os cientes do uso das formas de comunicação na comunidade onde estão inseridos;
- e) prover o acesso local, regional, nacional e global a todos os recursos e oportunidades existentes que permitam aos estudantes estarem em contato com uma diversidade de idéias, opiniões e experiências;
- f) promover atividades que influenciem a tomada de decisão social e cultural;

- g) trabalhar junto aos estudantes, pais e professores para que os objetivos da escola sejam atingidos;
- h) tornar conhecido o conceito de liberdade intelectual e livre acesso à informação, indispensáveis para a formação de cidadãos responsáveis e participantes da democracia;
- i) incentivar a leitura e o uso de recursos e serviços da biblioteca juntamente à comunidade escolar e ao seu meio.

Para que o acervo de uma biblioteca escolar atenda às necessidades e interesses da comunidade escolar, é importante que seja composto, segundo Hillesheim e Fachin (2000), de obras de referência, livros didáticos, livros de lazer, periódicos, gibis, gravuras, jogos, material audiovisual (multimeios), procurando adequá-lo de acordo com a proposta de ensino, ao perfil e à realidade de cada escola. Também é importante que todos os materiais estejam disponíveis de acordo com o nível de leitura de todos os seus usuários. De acordo com Andrade (2003) uma pesquisa realizada nos Estados Unidos demonstrou que estudantes que possuíam bons programas de bibliotecas obtiveram melhores resultados em testes padronizados do que aqueles que possuíam bibliotecas deficientes em suas escolas.

2.1.1 O Bibliotecário na Biblioteca Escolar

Mas de nada valeria uma biblioteca com espaço físico disponível e adequado e um acervo de excelência se não tivesse à frente profissionais habilitados para exercer as funções necessárias. De acordo com esta visão, é de extrema importância que os recursos humanos da biblioteca sejam conscientes de seu papel na formação de leitores e que tenham conhecimentos do acervo e dos serviços prestados por ela. A UNESCO/IFLA (1999, p. 1) afirma: “O quadro de pessoal da biblioteca constitui-se em suporte ao uso de livros e outras fontes de informação [...]”

Para Corrêa et al. (2002, p. 115) “O bibliotecário escolar tem como função fornecer a informação de maneira rápida e prática ao estudante.” Para isso, os autores sustentam que os conhecimentos técnicos do bibliotecário devem ser sólidos, já que são direcionados à pesquisa e ao estudo dos alunos e dos

professores. O bibliotecário tem por missão, ainda, conquistar e cativar o estudante, incentivando-o a freqüentar a biblioteca, de forma que este se sinta à vontade e tenha prazer neste ambiente. Além disso, deve também ser o responsável pelo planejamento e organização da biblioteca, que vai desde a seleção do acervo e da mais correta e acessível forma de disponibilização dos itens para os estudantes.

É importante também que o bibliotecário seja o agente estimulador, que torne a biblioteca um ambiente agradável e onde se queira estar, despertando interesses, hábitos e curiosidades e não somente um lugar onde se emprestam livros.

Destaca Silveira (1996, p. 10):

O sucesso de qualquer programa a ser desenvolvido está na dependência direta da participação do bibliotecário em reuniões de estudo em torno do currículo, de procedimentos didáticos, decisões administrativas e outras práticas escolares. Além destas atribuições, este profissional não pode esquecer o interesse e o respeito que lhe merece o usuário. A ajuda ao aluno, encorajando-o e orientando-o a analisar crítica e objetivamente a sua aprendizagem, é uma das muitas tarefas concernentes ao bibliotecário.

De acordo com a ORGANIZAÇÃO... (1985) uma das funções da biblioteca escolar está em incentivar a leitura, aprimorando as preferências literárias natas do estudante, desenvolvendo nele o hábito de ler, oferecendo os materiais e as condições necessárias para o desenvolvimento desta experiência. Corrêa et al. (2002, p. 117), afirma que uma das tarefas educacionais do bibliotecário é de “[...] ter conhecimento das necessidades de leitura individuais dos estudantes e de seus interesses [...]”. De fato, é preciso sempre respeitar o nível de cada leitor, oferecendo-lhe aquilo a que estiver apto para ler e entender.

Carvalho (2003), assegura que a biblioteca deve ser um lugar onde se produza cultura e não apenas se consuma, sendo que, para esse novo conceito se alicerçar, são necessários três elementos: uma coleção de livros e demais materiais, bem selecionados e atualizados; um ambiente físico que proporcione a comunicação e não apenas a informação, respeitando os modos de ler da criança e do adolescente; e finalmente, a figura do mediador (bibliotecário e professor), devendo ser eles próprios leitores críticos.

Algumas propostas apresentadas por Campos e Bezerra (1989) para atrair leitores podem ser desenvolvidas por bibliotecários através de certas atividades que

estimulam a leitura como: leitura livre, onde o próprio aluno pode escolher a obra que mais lhe agrada, ou ser estimulada; cantinho do autor, onde são destacadas obras de um autor específico, ou expondo títulos ou temas de interesse; empréstimo, onde o leitor pode levar para casa por um tempo estipulado a obra escolhida, podendo renová-la; hora da história, onde se desenvolvem abordagens que despertam o interesse pelos livros.

O desejo de aprender a ler e saber o que há nos livros, geralmente, existe nas crianças. Compete à escola desenvolvê-lo e mantê-lo. Na biblioteca escolar é possível incentivar o hábito da leitura, desde que sejam oferecidas atividades atraentes para que os alunos se sintam à vontade e gostem de frequentá-la. (SILVEIRA, 1996, p. 11)

É importante destacar que o ideal seria a união do bibliotecário com o professor no estímulo à leitura, mostrando ao aluno a importância desta, tanto para uma boa elaboração dos trabalhos escolares, quanto para seu próprio entretenimento, sem cobranças mecânicas ou fórmulas rígidas de indicação por faixa etária.

2.2 AS FASES DA LEITURA

Conforme material elaborado e disponibilizado pela professora Eliane Lourdes da Silva Moro, na disciplina Leitura, Biblioteconomia e Inclusão Social, do Curso de Biblioteconomia, do Departamento de Ciências da Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a leitura pode ser dividida em fases e analisada de acordo com a faixa etária, características psicológicas, tipos e desenvolvimento da leitura e interesse de cada tipo de leitor.

A primeira fase abrange as crianças dos 3 (três) aos 6 (seis) anos, faixa etária que possui inteligência intuitiva ou pré-operacional. Nesta fase explode a linguística e observa-se o animismo, onde é dado vida a objetos e existe a crença de que os animais falam. Essa é a fase mágica, onde a preferência de meninos e meninas é

por histórias de repetição e acumulativas e contos de fadas. É a idade dos livros de gravuras e dos versos infantis. Esse período é da pré-leitura, do desenvolvimento da linguagem oral.

A segunda engloba a faixa etária dos 6 (seis) aos 8 (oito) anos, onde são realizadas operações concretas com o uso da lógica e do raciocínio e acontece a manipulação de objetos concretos. É o início da idade escolar, quando meninos e meninas gostam de histórias humorísticas, de aventuras na família e na casa e de contos de fadas. Caracteriza-se como sendo a etapa da leitura compreensiva de textos curtos e de preferência com ilustrações.

A terceira fase vai dos 8 (oito) aos 11 (onze) anos, onde, semelhante à anterior, são realizadas operações concretas e também caracteriza-se como a etapa da idade escolar, mas as preferências quanto aos tipos de leitura começam a se diferenciar entre meninos e meninas. Enquanto os garotos preferem as histórias de aventura, mistério e biografias, as garotas preferem as histórias emotivas, de família e de escola.

A quarta tem o enfoque dos 11 (onze) aos 13 (treze) anos. Nesta fase são realizadas operações formais, utilizando-se o pensamento formal (hipotético-dedutivo), sem a necessidade da observação real, pois as conclusões são feitas a partir de hipóteses. É a idade das histórias de aventuras, do realismo aventuroso, dos livros de aventura, romance, viagens e sentimentalismo. É realizada a leitura crítica, pois se tem a capacidade de assimilar idéias, confrontá-las com sua própria experiência e reelaborá-las. Os interesses de leitura tornam-se individualizados e relacionados frequentemente com as preferências vocacionais.

O referido material aborda a leitura somente até os 13 (treze) anos, pois muitos teóricos acreditam que o leitor só se forma até essa idade. Como o presente estudo terá como sujeitos, indivíduos na faixa etária dos 16 (dezesesseis) aos 18 (dezoito) anos, buscou-se referencial teórico em outra fonte de informação. (MORO, 2005).

Conforme Fisher (2001), nos primeiros anos do Ensino Médio os livros favoritos giram em torno de aventura e mistérios, com um primeiro interesse em biografias para alguns, embora muitas meninas prefiram romances infanto-juvenis.

Durante os anos finais do Ensino Médio os estudantes tornam-se mais sérios em suas leituras e ponderados em suas escolhas em relação ao que ler. Nesses anos, a leitura de textos clássicos é introduzida e determinados autores são

avidamente lidos. Ler literatura começa a ser mais do que entretenimento, torna-se uma atividade intelectual.

2.2.1 A Adolescência e a Leitura

Segundo Antunha (1998), a adolescência é o período de desenvolvimento que vai da puberdade à vida adulta. Começa com mudanças biofisiológicas dos 11 (onze) aos 13 (treze) anos e termina com mudanças psicossociais dos 18 (dezoito) aos 21 (vinte e um) anos (BOSSA, 1998).

Para Barone e Barone (1998) as tarefas principais da adolescência são as revisões da identidade, no tríplice aspecto da assunção da sexualidade (possibilidade de realizar a identificação com um papel sexual e a escolha do objeto), da busca da autonomia (jogos identificatórios do sujeito, especialmente em relação ao movimento de submissão ao desejo do outro e de assunção do desejo próprio) e do desenvolvimento das competências (possibilidade do desenvolvimento das atividades sublimatórias: delineamento de metas para o futuro, transformação do brincar em trabalho, a possibilidade da utilização da criatividade e o reconhecimento das condições próprias).

Bee (1997) divide a adolescência em duas etapas: adolescência inicial, que se constitui em um período de transição, no qual há mudanças significativas em todos os aspectos do funcionamento da criança; adolescência final, que representa um tempo de consolidação, quando o jovem estabelece uma nova identidade com metas e compromissos de papel mais claros.

Durante a adolescência, as relações pessoais e interpessoais sofrem algumas modificações, embora as relações com os pais e amigos continuem sendo as mais importantes.

Os adolescentes passam a maior parte do tempo com os amigos, por isso, é natural que sofram grande influência deles. As amizades, nesta época da vida, passam a ser mais estáveis e complexas, pois os adolescentes compartilham seus sentimentos e segredos internos e sabem cada vez mais sobre os sentimentos dos outros. A lealdade e a confiança também passam a ser mais valorizadas nas amizades durante a adolescência (BEE, 1997).

A adolescência, em todas as épocas, tanto para rapazes como para moças de todas as categorias sociais e de todos os países, constitui-se nos anos em que o corpo se transforma radicalmente. Fase em que todos estão às voltas com emoções, desejos, pulsões, que temem não poder conter. Têm medo deles próprios. Medo do medo que inspiram nos adultos, esses adultos pelos quais se sentem radicalmente incompreendidos. Temem serem os únicos no mundo a sentirem alguma coisa. A solidão na adolescência pode ser assustadora, mesmo que se viva em grupo. Estes, muitas vezes impiedosos, obrigam o adolescente a dissimular, pois todos garantem sua segurança à custa daquele que demonstra uma fraqueza.

Tem-se então um mundo exterior sentido como hostil, excludente, que deixa pouco espaço e um mundo interior estranho, inquietante. Uma idade das mais desconfortáveis, mas também das mais exaltantes.

Idade em que eles não sabem se definir e têm medo das definições. É um momento em que precisam estar informados, mais do que qualquer outro. Precisam encontrar palavras que mostrem que estão apenas experimentando afetos, tensões e angústias universais.

A leitura, tanto quanto um meio de sustentar o percurso escolar, é um auxílio para elaborar seu mundo interior e sua relação com o mundo exterior.

Segundo Petit (2008), nos últimos 20 (vinte) anos, a proporção de leitores entre os jovens diminuiu, quando se poderia esperar que aumentasse devido à maior escolarização. Dentre as possíveis causas destaca-se que aos livros, os adolescentes preferem o cinema ou a televisão, que identificam com a modernidade, a rapidez e a facilidade; ou preferem a música, o esporte, que são prazeres compartilhados.

Os interesses de leitura variam entre indivíduos, e a existência de diferenças manifestam-se de uma forma clara, quando se comparam alunos de uma mesma idade.

O interesse pela leitura nos adolescentes é afetado por inúmeras variáveis. Uma delas é a existência de uma ampla gama de livros publicados, o que prejudica a seleção por parte dos jovens, pois quanto maior a quantidade de títulos, maior dificuldade para uma seleção qualitativa. Outra é quando não há material de leitura disponível e suficiente de interesse dos adolescentes em casa, na escola, em bibliotecas e livrarias.

Apesar dos adolescentes variarem muito em seus interesses de leitura, eles tendem a se interessar constantemente por livros de capa de papel, em vez de livros de capa dura; por livros recomendados por seus amigos, em vez dos indicados por seus professores; e no conteúdo da primeira página, em vez do tamanho das letras e número das ilustrações.

Os adolescentes se sentem motivados ou interessados por livros quando, em casa e/ou na escola, há um interesse individual ou quando algum livro desperta curiosidade nele; para fins didáticos, com a finalidade de conseguir conceitos satisfatórios, isto é, como referência: para obter uma informação específica sobre um determinado assunto ou dado, como projetos e tarefas da escola.

O interesse pela leitura ressaltado por Aguiar (1979) diz respeito a uma atitude favorável em relação ao texto, na qual é gerada por uma necessidade, que pode ser: tomar conhecimento genérico de ocorrências atuais, seguir uma instrução, recrear-se, estudar. É através do ato de ler que o indivíduo busca a satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo.

2.3 CONTEXTO DO ESTUDO: COLÉGIO MARISTA SÃO PEDRO

O contexto poderá situar o leitor para que melhor compreenda a experiência vivida neste trabalho. O espaço físico determinado para a aplicação deste trabalho foi o Colégio Marista São Pedro, localizado na Rua Álvaro Chaves, número 625 no Bairro Floresta em Porto Alegre-RS. A escolha por esta instituição ocorreu em função da realização de estágio curricular obrigatório da acadêmica neste local.

O Colégio Marista São Pedro (2009) integra a rede de instituições de ensino da Província Marista do Rio Grande do Sul, que tem 20 (vinte) escolas no Estado e uma em Brasília, além de uma universidade, um hospital e 31 (trinta e uma) obras sociais que atendem a população do Estado do Rio Grande do Sul.

A Rede Marista tem a missão de educar e evangelizar crianças, jovens e adultos, através de processos criativos e inovadores, segundo o carisma Marista, formando cristãos e cidadãos comprometidos, preparando-os para os desafios da vida, contribuindo assim para a transformação social, oferecendo uma educação apaixonante, que marque o coração e a mente dos que passam pela Escola Marista,

de tal forma, que se sintam enriquecidos por valores, conhecimentos e vivências, e sejam capazes de fazer diferença na construção de uma vida fraterna e feliz. (COLÉGIO..., 2009).

As primeiras instalações do Colégio Marista São Pedro foram as dependências da Igreja São Pedro, no Bairro Floresta, em Porto Alegre. Em 1º de março de 1927, a convite do Monsenhor Emilio Lottermann, três maristas, Irmão Livino, Venâncio e Vesceslau, assumiram a Escola Paroquial São Pedro, com quarenta e três alunos. Em março de 1933, sob a direção do Irmão Cláudio José Santini, a Escola São Pedro transferiu-se para a Rua Almirante Barroso, número 672, no Bairro Floresta, em Porto Alegre, quando os Maristas adquiriram a Grande Fábrica de Bombons, Caramelos e Chocolates, de Oscar B. Hickel. Devido à transferência de local, a escola tornou-se procurada e atraente pela característica comunitária, e foi crescendo, adquirindo assim, terrenos vizinhos e construindo os prédios atuais do Colégio.

A metodologia Marista tem sua fundamentação no estudo e reflexão dos diversos teóricos da educação. Foi construída com os aspectos de cada teoria que se acredita ser fundamental para o desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno e que tenham identidade com os Princípios Filosóficos Maristas. O aluno, na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, deve exercer sua consciência crítica através da sua participação efetiva na dinâmica do aprender fazendo, bem como nos processos de tomada de decisões (COLÉGIO..., 2009).

A escola é o lugar onde o aluno constrói o seu conhecimento, em uma postura de indagação e análise avaliativa da realidade social, ao mesmo tempo em que vivencia os valores cristãos em ações efetivas.

2.3.1 A Biblioteca do Colégio Marista São Pedro

A Biblioteca do Colégio Marista São Pedro, localizada na Rua Álvaro Chaves, 625, no bairro Floresta, foi fundada em 1927 junto com o início do colégio. Orienta-se pelos valores maristas e tem como missão apoiar toda comunidade escolar em suas pesquisas e desenvolvimento humano, através da disponibilização de informações atualizadas e ações culturais diversificadas (COLÉGIO..., 2009).

A Biblioteca está localizada em um ambiente amplo, iluminado e arejado. Dividida em três setores: biblioteca geral (possui obras gerais, didáticos e literaturas e está direcionada a toda comunidade escolar), biblioteca infantil (contempla basicamente livros de literatura infantil e infanto-juvenil e é direcionada aos alunos da educação infantil à 4ª série do ensino fundamental) e a biblioteca multimídia (destinada às pesquisas na *internet* e uso de multimídias), onde são atualmente encontrados 22.469 títulos e 24.263 exemplares entre livros, folhetos, revistas e jornais, catalogados em um sistema informatizado.

O horário de funcionamento da Biblioteca é de segunda-feira à sexta-feira das 7h 45 min às 12h e das 13h 30 min às 18h.

O atendimento é feito pelas bibliotecárias Andréa Fontoura da Silva e Maria da Graça Artioli e por um estagiário do curso de Biblioteconomia.

Os serviços prestados pela Biblioteca do Colégio Marista São Pedro são: consulta local, empréstimo domiciliar, orientação à pesquisa, orientação ao uso de multimídias, pesquisas sob encomenda, confecção e manutenção de murais, recuperação de materiais, catálogo on-line e renovação por telefone (COLÉGIO..., 2009).

2.3.2 Projeto Pedagógico de Literatura para o Terceiro Ano do Ensino Médio

O Colégio Marista São Pedro possui um plano de estudos, comum a todos os colégios da Rede Marista, onde são detalhadas as competências, os eixos temáticos, os conhecimentos, as habilidades e as atitudes relativas a cada disciplina e sua respectiva série.

Como plano de estudos para o terceiro ano do Ensino Médio, constam as seguintes especificações:

- Competências: ler e interpretar textos literários considerando o contexto sócio-cultural em que estão inseridos; compreender, interpretar e discernir autores, obras e suas particularidades; perceber o aspecto multifacetado do texto literário.
- Eixos Temáticos: contexto sócio-histórico-político; produções literárias e intertextualidade.

- Conhecimentos: compreender os movimentos vanguardistas e suas influências no Modernismo de 22; compreender a geração de 45, através de inovações lingüísticas e estruturais; conhecer, na periodização literária, tendências de vanguarda, semana da Arte Moderna; Modernismo, geração de 22, 30 e 45 e Pós-Modernização.
- Habilidades: comparar o Modernismo de 22 com os movimentos literários anteriores, reconhecendo suas inovações e rupturas temáticas e formais; elaborar uma linha de pensamento coerente quanto aos critérios de modernidade em 22, confrontando com o conceito de Literatura e Contemporaneidade; reconhecer o amadurecimento e enriquecimento estético da poesia de 30; perceber a visão das relações sociais e dos regionalismos presentes no romance de 30; perceber as tendências literárias contemporâneas, dentro de um contexto de inovações e mudanças no plano político, cultural, estético.
- Atitudes: valorizar as diferentes opiniões e informações veiculadas nos textos orais ou escritos como possibilidades diferenciadas de compreensão do mundo; posicionar-se criticamente diante de textos, reconhecendo a pertinência dos argumentos utilizados; ter interesse, iniciativa e autonomia para ler textos diversos adequados à condição atual do aluno; demonstrar receptividade diante de leituras desafiadoras e disponibilidade para a ampliação do repertório a partir de experiências com material diversificado e recomendações de terceiros; ter interesse pela leitura e escrita como fontes de informação, aprendizagem, lazer e arte; ter interesse pela literatura, considerando-a forma de expressão da cultura de um povo; trocar impressões e informações com outros leitores, posicionando-se a respeito dos textos lidos, fornecendo indicações de leitura e considerando os novos dados recebidos; interessar-se por freqüentar os espaços mediadores de leitura (bibliotecas, livrarias, distribuidoras, editoras, bancas de revistas, lançamentos, exposições, palestras, debates, depoimentos de autores), sabendo orientar-se dentro da especificidade desses espaços e sendo capaz de localizar um texto desejado.

Na disciplina de Literatura também são trabalhadas as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

2.4 LEITURAS OBRIGATÓRIAS PARA O VESTIBULAR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL NO ANO DE 2010

Para a prova de Literatura de Língua Portuguesa do concurso vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) são exigidas as leituras de várias obras, que variam a cada ano, conforme a resolução nº16/2006 (ANEXO B).

Para o concurso vestibular de 2010 são exigidas as seguintes leituras obrigatórias:

- 1) O Uruguai, Basílio da Gama;
- 2) Lucíola, José de Alencar;
- 3) Memórias Póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis;
- 4) Contos, Machado de Assis (1. O caso da vara, 2. Pai contra mãe, 3. Capítulo dos chapéus)
- 5) O primo Basílio, Eça de Queirós;
- 6) Estrela da vida inteira, Manuel Bandeira;
- 7) Poemas de Álvaro de Campos, de Fernando Pessoa (1. Mestre, meu mestre querido!, 2. Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra , 3. Grandes são os desertos, e tudo é deserto, 4. Lisboa com suas casas, 5. Todas as cartas de amor são ..., 6. Ode triunfal, 7. Lisbon Revisited (1923), 8. Tabacaria, 9. Aniversário, 10. Poema em linha reta);
- 8) Porteira Fechada, Cyro Martins;
- 9) Fogo Morto, José Lins do Rego;
- 10) Antes do Baile Verde, Lygia Fagundes Telles;
- 11) Dois irmãos, Milton Hatoum;
- 12) Concerto Campestre, de Luiz Antonio de Assis Brasil.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A investigação se constituiu em uma pesquisa de caráter qualitativo. O método utilizado foi o estudo de caso, para melhor interpretar o contexto da pesquisa. Este método se desenvolveu, respectivamente, conforme as três fases: exploratória, desenvolvimento do projeto piloto, coleta e análise dos dados coletados.

3.1 FASE EXPLORATÓRIA

Foi utilizado o método de observação direta quanto à baixa frequência dos alunos do Ensino Médio na biblioteca, bem como consultado quais as atividades costumam ser propostas no sentido de estimular os alunos, ou mesmo facilitar o entendimento dos clássicos exigidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no vestibular.

Constatou-se que não era desenvolvida qualquer atividade com este intuito.

3.2 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PILOTO

Foi proposto à Administração da escola um projeto que tornasse as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) mais prazerosas, através da dramatização do conto *O Caso da Vara*, de Machado de Assis.

Com planejamento e coordenação da acadêmica e com apoio da bibliotecária Andréa Fontoura, buscou-se a participação espontânea dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio, por meio de convite feito na sala de aula.

3.2.1 Etapas da Pesquisa

A primeira etapa foi escolher qual leitura seria trabalhada como projeto piloto. Após verificar todas as leituras obrigatórias solicitadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) para o vestibular 2010, considerou-se que seria ideal começar com Machado de Assis, tendo em vista sua importância para a literatura nacional. Preferiu-se um conto por ser menor, o que tornaria fácil a encenação.

Foi escolhida a dramatização, devido aos benefícios que a arte traz às pessoas, e lembrando que a escola também tem o dever de formar cidadãos, indivíduos aptos a viver em qualquer sociedade. Observa-se que o ensino da arte através do teatro tem uma grande importância na formação psíquica e social do indivíduo, “tendo como base da sua comunicação a palavra e o gesto, e entre estes a emoção descoberta no manejo do aparelho sensorial que o faz sentir e pensar”. (COELHO, 1978).

Uma das funções da literatura e uma das importâncias que se dá para o ato de ler é o fato de formar alunos com opiniões críticas, que saibam questionar, que saibam se comunicar e se expressar tanto oralmente como na escrita. Além disso, o trabalho da literatura com o teatro gera a espontaneidade, que pode e deve ser desenvolvida. Com ela o jovem age naturalmente, sem medo de estar cometendo algum erro, ele aceita a literatura e se auto-aceita, o que favorece muito o desenvolvimento de suas capacidades de expressão.

Escolheu-se *O Caso da Vara*, por tratar da ideia de os pais decidirem a profissão dos filhos, o que muitas vezes ocorre com os alunos, quando estão às portas de escolher o curso superior.

A segunda etapa foi conversar com o professor de Literatura para obter a sua aprovação e verificar se ele considerava válida a atividade. Ele gostou muito da ideia e deu total aprovação.

A terceira etapa foi fazer o projeto por escrito e encaminhar ao setor pedagógico da escola, que também aprovou com louvor.

A quarta etapa constituiu-se de ir à sala de aula expor o projeto para os alunos e solicitar voluntários. Todos gostaram da ideia e 6 (seis) dispuseram a participar.

De início, foram feitos convites por escrito e individuais, os quais foram entregues pessoalmente a cada um, marcando a data do primeiro encontro.

O primeiro encontro ocorreu na Biblioteca. Cada aluno escolheu seu personagem e foi solicitada a leitura da obra a ser trabalhada.

Perguntou-se se queriam que se fizesse o roteiro ou eles gostariam de participar da transformação do conto para a forma de teatro. Eles prontamente quiseram ajudar a construir.

3.2.2 Sujeitos do Estudo

Nesta fase aberta obteve-se uma visão mais precisa dos sujeitos da pesquisa tornando possível uma melhor aproximação com os alunos e facilitando para que a observadora obtivesse suas impressões pessoais. A mesma teve o cuidado de ser imparcial para não permitir que sua própria bagagem cultural privilegiasse certos aspectos e negligenciasse outros. Os registros feitos pela observadora foram fiéis aos fatos observados. A observação contribuiu para a coleta de dados por tratar-se de contato direto.

Os sujeitos desta pesquisa são a comunidade escolar do Colégio Marista São Pedro. Foram escolhidos 2 (dois) alunos atores, sendo 1 (um) do sexo masculino e 1 (um) do feminino; 4 (quatro) alunos espectadores, sendo 2 (dois) do sexo masculino e 2 (dois) do feminino; 1 (um) professor de Literatura do sexo masculino e 1 (um) bibliotecário do sexo feminino, perfazendo um total de 8 (oito) sujeitos.

Todos os sujeitos foram identificados apenas com suas iniciais, preservando suas identidades. Segue abaixo a descrição de seus perfis.

- a) **Sujeito 1: LEM** - LEM tem 18 anos e é do sexo masculino. Foi um dos atores da peça. Está cursando o terceiro ano do Ensino Médio.
- b) **Sujeito 2: ARCS** - ARCS tem 17 anos e é do sexo feminino. Foi um dos atores da peça. Está cursando o terceiro ano do Ensino Médio.
- c) **Sujeito 3: RLMG** - RLMG tem 17 anos e é do sexo masculino. Foi um dos espectadores da dramatização. Está cursando o terceiro ano do Ensino Médio.

- d) **Sujeito 4: YD** - YD tem 18 anos e é do sexo masculino. Foi um dos espectadores da dramatização. Está cursando o terceiro ano do Ensino Médio.
- e) **Sujeito 5: JR** - JR tem 16 anos e é do sexo feminino. Foi uma das espectadoras da peça. Está cursando o terceiro ano do Ensino Médio.
- f) **Sujeito 6: LP** - LP tem 17 anos e é do sexo feminino. Foi uma das espectadoras da peça. Está cursando o terceiro ano do Ensino Médio.
- g) **Sujeito 7: ALL** - ALL tem 38 anos e é do sexo masculino. Ele é o professor de Literatura da escola.
- h) **Sujeito 8: AFS** - AFS tem 35 anos e é do sexo feminino. Ela é a bibliotecária-chefe da biblioteca do colégio.

3.2.3 Análise das Observações

Os encontros e ensaios desenvolveram-se com alguns imprevistos dificultando o andamento das observações. Houve alguns dias em que não foi possível realizar os ensaios porque alguns alunos precisaram ir ao médico ou simplesmente esqueceram-se do encontro. A observadora considerou tais imprevistos, não substituindo nenhum participante, para que a pesquisa revelasse as reais dificuldades surgidas em consequência da realidade ali presente.

Outro fator que dificultou o andamento do trabalho foi a falta de tempo dos alunos para a realização das atividades, em decorrência do excesso de material a ser estudado para as aulas.

Em cada encontro desenvolveu-se a adaptação e ensaio da obra em questão. As atividades realizadas e as observações feitas de alguns encontros foram analisados e descritos abaixo.

Os encontros ocorreram, em sua maioria, nas sextas-feiras, depois das aulas, dia em que os alunos tinham apenas 5 (cinco) períodos e não 6 (seis) que era o padrão.

3.2.4 Encontros

Aconteceram alguns encontros até que se conseguisse adaptar o formato do conto para texto teatral. A primeira mudança foi entender o significado de algumas palavras utilizadas, bem como frases e adequá-las para um vocabulário mais de acordo com os dias atuais e com o público que iria assistir, o qual seria composto basicamente por jovens, entre 16 (dezesesseis) e 18 (dezoito) anos.

O tipo de linguagem utilizada por Machado de Assis foi apontado como um dos fatores que tornam as suas leituras cansativas, além do contexto. Trabalhando essa linguagem e adaptando para uma linguagem mais próxima, eles conseguiram perceber a essência do texto a até começaram a gostar.

Outra mudança sugerida pelos alunos foi o nome do conto. Ao invés de *O Caso da Vara*, sugeriram *O Caso da Ripa* em homenagem a um professor, muito querido da turma, que possui uma espécie de minichicote de couro no chaveiro e quando um aluno faz alguma travessura, ele bate esse chicotinho na classe e diz: “Olha a ripa!”.

Após o texto estar praticamente pronto, começaram os ensaios.

3.2.5 Ensaios

Os ensaios ocorreram no auditório da escola, onde seria a apresentação.

Em alguns dias faltava 1 (um) aluno, em outros faltavam 2 (dois) ou 3 (três), dessa forma, por vezes, foi preciso cancelar o ensaio, pois não seria proveitoso com tantas ausências.

Em cada ensaio eram acrescentadas novas ideias, modificadas outras e retiradas algumas cenas.

Os alunos deram a ideia de dar uma veia cômica para a peça. A princípio, considerou-se que seria um sacrilégio contra o autor, mas depois concluiu-se que poderia ser um fator criativo a mais.

Outro fator interessante foi que um menino quis fazer um personagem feminino e uma menina quis fazer um personagem masculino, o que contribuiu para a comicidade do conto.

Observou-se o grande entrosamento deles, já que um incentivava o outro e ajudavam-se mutuamente. Um dos alunos liderava na questão de improvisar as falas quando alguém esquecia a sua ou errava e uma aluna liderava na questão de controlar a dispersão e o excesso de brincadeiras.

3.2.6 Apresentação da Dramatização

Com a proximidade da data prevista para a apresentação, quase houve o fracasso do projeto.

Todos os meninos começaram a faltar os ensaios, sistematicamente, e, como eles tinham os papéis principais, seria um transtorno conseguir alguém para substituí-los. Conversou-se, então, com as meninas, no sentido de perguntar se elas concordavam em continuar a peça sem eles. A acadêmica e a bibliotecária assumiriam os papéis deles. Elas concordaram. Entretanto, elas falaram com eles, sem comunicar à observadora, e convenceram-nos a voltar aos ensaios.

Quando eles voltaram, argumentaram que estavam com muito conteúdo para estudar para as aulas, que não conseguiriam decorar as falas, pois só tinham ensaiado lendo as falas, e que queriam trocar os papéis com as meninas.

Após muita conversação, conseguiu-se convencê-los que não tinha necessidade de trocar os papéis, pois cada um estava perfeito no seu personagem e a pesquisadora ficaria ao lado do palco, com o *script* na mão para “soprar” as falas para quem esquecesse. Finalmente todos concordaram e seguiram-se os ensaios.

O dia marcado para a apresentação foi 24 de setembro de 2009, no segundo dia da Feira do Livro da Escola. Foram 3 (três) apresentações, pela parte da manhã, para as 3 (três) turmas do Ensino Médio, sendo 1 (uma) em cada horário, que representavam a duração de um período letivo, de 50 (cinquenta) minutos.

As apresentações foram um sucesso. Houve alguns atrasos, algumas falas esquecidas e outras trocadas, mas o conceito geral foi ótimo.

Muitos alunos da primeira turma ficaram para as 2 (duas) outras apresentações, assim como os da segunda apresentação ficaram para a terceira.

Foi extremamente gratificante ouvir dos alunos, ao final das apresentações, que queriam fazer outra representação.

3.3 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Na fase da coleta de dados, realizada em setembro de 2009, foi aplicado como instrumento a entrevista semiestruturada, a qual permitiu à observadora interagir com os sujeitos por meio de questões abertas. A observadora teve a informação desejada por extrair dados direto da fonte, tratando de assuntos de natureza pessoal, que garantiu o aprofundamento dos assuntos.

Na fase da análise dos dados coletados, foram reunidas e analisadas todas as informações obtidas. Posteriormente, tais informações foram selecionadas para garantir a relevância e a acuidade do tema proposto.

As duas fases, coleta e análise, serão apresentadas contiguamente, a fim de permitir melhor acompanhamento da interpretação da pesquisadora, em face das respostas obtidas.

3.3.1 Entrevista Semiestruturada

Além da observação participativa, foi aplicado o instrumento de entrevista semiestruturada com 2 (dois) alunos atores, 4 (quatro) alunos espectadores, 1 (um) professor de Literatura e 1 (um) bibliotecário determinados para a pesquisa. Desta forma, a entrevista foi realizada após as observações das atividades.

A entrevista semiestruturada possibilitou que a observadora interagisse com os entrevistados por meio de questões abertas e simples para evitar que se cansassem de responder. Esta foi realizada para analisar o resultado obtido a partir do desenvolvimento do projeto piloto.

Este instrumento não dependeu apenas das impressões da observadora, mas dos depoimentos de tais entrevistados que foram muito objetivos em suas respostas.

Os entrevistados foram identificados pelas suas iniciais para manter a preservação de sua identidade. Segue abaixo as questões realizadas com cada sujeito da pesquisa.

3.3.1.1 Entrevista com a Bibliotecária

Na entrevista com a Bibliotecária foram feitas 5 (cinco) perguntas. A primeira e a última questões se referiam à Biblioteca como um todo, verificando quais as ações de leitura e leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) eram realizadas na Biblioteca, envolvendo os alunos do terceiro ano do Ensino Médio e se havia a pretensão de dar continuidade ao projeto desenvolvido pela estagiária.

As outras 3 (três) perguntas tinham um caráter mais pessoal e questionavam a opinião da Bibliotecária quanto à validade da dramatização do conto *O Caso da Vara* de Machado de Assis, se ela já havia lido o conto e se ela considerava que a atividade desenvolvida foi capaz de estimular o prazer na leitura obrigatória trabalhada.

1) Quais ações de leitura e leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), são realizadas na Biblioteca com o terceiro ano do Ensino Médio?

Na semana de planejamento, que inicia no ano letivo, os professores passam todas as leituras que serão necessárias, que eles vão ter que ter aqueles livros durante o ano, então a Biblioteca é obrigada a ter no mínimo os livros que eles vão ter que ler, isso é o mínimo. Também a gente faz murais dos livros obrigatórios, mas as ações em si, têm sido, antes do teu trabalho, no caso, tinham sido essas, de ter os livros, colocar tanto no site quanto no mural da biblioteca as informações das

leituras obrigatórias da UFRGS, principalmente da UFRGS, pois a gente não tem colocado de outras universidades porque a gente tem visto que os alunos não têm feito vestibular além da UFRGS. (AFS)

Conforme a colocação da bibliotecária, as ações de leitura e leitura obrigatória para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizadas pela Biblioteca com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, resumem-se em comprar os livros solicitados e listá-los em murais e no site da Instituição, o que só vem a ressaltar a importância da realização de atividades que estimulem o prazer desses adolescentes nessas leituras, aproximando-os da biblioteca escolar.

2) Você achou válida a atividade realizada com os alunos, ou seja, a dramatização do conto *O Caso da Vara* de Machado de Assis?

Certamente, foi muito válida. Eu acredito que por fazer com que o aluno também participe de uma forma diferente de como a gente estava fazendo, certamente foi muito válido. Até pra demonstrar, que no final do teatro, eles queriam fazer outros teatros, então isso tanto estimula quanto incentiva a leitura, acredito eu. (AFS)

A bibliotecária considerou válido o trabalho realizado com os alunos, ou seja, a dramatização do conto em questão, pois como ela ressaltou, foi uma forma diferente de trabalhar as leituras obrigatórias com os alunos. O fato de eles terem manifestado o interesse de participar de outros teatros foi um forte indício da eficácia da atividade realizada.

3) Já tinha lido o conto *O Caso da Vara* anteriormente?

Sim. (AFS)

A bibliotecária confirma ter lido anteriormente o referido conto, o que é um fator positivo no momento em que ela avalia a atividade realizada.

4) Na sua opinião, consideras que a atividade realizada, foi capaz de estimular o prazer na leitura obrigatória trabalhada?

Certamente. Acho que sim, porque como o teatro foi feito de uma forma humorística, tudo que tem humor, eles gostam. Acho que até tem que ser dessa forma também, porque eles mostram mais interesse nesse tipo de linguagem humorística. (AFS)

A bibliotecária considerou que a atividade realizada foi capaz de estimular o prazer na leitura obrigatória trabalhada, por ter utilizado uma linguagem humorística, o que, segundo ela, é apreciado pelos jovens.

5) A Biblioteca pretende dar continuidade ao projeto Prazer em Ler, de autoria da estagiária Andréa Calini?

Certamente. Eu acredito que lá no início do ano que vem, iremos conversar com os alunos de novo, ver com os professores quais são as leituras, porque também a gente vai ter que ver o seguinte: todo ano as leituras obrigatórias da UFRGS mudam. Apesar de no SEPLAN, na semana de planejamento, digam que vamos ter tais livros que foram da leitura do ano passado, que alguns continuam e os outros, assim que sair a outra lista a gente adquire. Tem que ver com o professor qual que ele acha mais adequado. Esse ano foi um conto, mas quem sabe pode-se fazer de repente um romance, alguma coisa desse tipo, porque toda a leitura é válida, toda forma de literatura, tanto o conto, crônica, romance é interessante de se fazer, poesias também. Têm poesias

também que caem. Pode-se fazer um sarau, pode-se fazer uma outra coisa assim nessa área também. Depois, a proposta desse projeto é a de fazer assim, vários tipos de atividades. A única coisa é que como demanda tempo e a gente tem poucos funcionários na Biblioteca pra se dedicar a isso, a intenção seria que fosse dada continuidade também aos estagiários nos próximos estágios que eu recebesse aqui. Também se conseguir conciliar funcionário com os ensaios, que foram muitos, não foram nada, foram mais de dez ensaios, e a escola tem uma política de banco de horas, então são coisas que a gente tem que levar em consideração. Pela idéia, sim, vamos continuar, mas se tiver toda a logística e estrutura. Nem sempre é fácil, porque deixá-los sozinhos é impossível, não existe como deixá-los fazer o teatro sozinhos, até por uma orientação do setor pedagógico, em nenhum momento, em nenhuma ação que a Biblioteca faça, pode-se deixar os alunos sozinhos, tem que ter sempre o acompanhamento de um funcionário. Então, todos os teatros têm que ter um funcionário junto e às vezes o funcionário está na Biblioteca, então é difícil ele estar fazendo essas ações. Então, justamente, o estágio obrigatório principalmente, aqui na escola, ele vem agregar isso, coisas diferentes, que nem sempre o funcionário tem tempo de fazer. Essa é a importância do profissional, de poder colocar em prática coisas que ele aprendeu na faculdade. (AFS)

Será dada continuidade ao projeto Prazer em Ler, pela Biblioteca, segundo a bibliotecária. Esse projeto visa trabalhar, ao longo do ano, cada leitura obrigatória de uma forma diferente, com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, em parceria com o professor de Literatura.

A dramatização do conto *O Caso da Vara* de Machado de Assis foi um projeto piloto para testar a validade da proposta.

Com base nas colocações da bibliotecária, será dada continuidade ao projeto na medida do possível, pois demanda tempo e funcionários disponíveis.

Uma boa idéia foi a de delegar essas atividades aos estagiários curriculares, que sempre estão com muita vontade de fazer, aprender, criar e praticar o que aprenderam na faculdade.

O problema relativo à demanda de tempo para os ensaios foi conseqüência de ter sido escolhida uma peça de teatro, mas podem ser pensados outros tipos de atividades, que demandem menos tempo, o que é a proposta do projeto, de serem feitas atividades variadas.

O objetivo do projeto é estimular o prazer nas leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Os meios para atingir esse objetivo poderão ser os mais variados, dependendo da criatividade das pessoas que se propuserem a dar seguimento a esse trabalho.

3.3.1.2 Entrevista com o Professor de Literatura

Para o Professor de Literatura foram feitas 6 (seis) perguntas, que se destinaram a verificar se ele já havia trabalhado o conto *O Caso da Vara* com a turma do terceiro ano anteriormente e se ele percebeu alguma mudança na percepção dos alunos, em relação a esta obra, após a atividade desenvolvida e os comentários deles sobre o teatro.

Questionou-se ele também sobre quais ações de leitura eram realizadas com esses alunos em sala de aula, se ele considerou válida a dramatização e se aprovava a repetição dessa experiência com outras leituras obrigatórias.

1) Você já tinha trabalhado o conto *O Caso da Vara* com a turma do terceiro ano anteriormente ao projeto?

Já. É uma leitura obrigatória da Universidade e eu trabalhei as relações do conto com a escola literária do Realismo e as implicações do texto também na escola literária do Realismo. Foi um trabalho que eu desenvolvi nessa disciplina de análise das leituras obrigatórias da UFRGS, em Literatura. (ALL)

O professor afirma ter trabalhado o conto em questão com a turma do terceiro ano anteriormente ao projeto idealizado.

Por ser uma leitura obrigatória, o trabalho realizado foi relacionar a referida leitura com a escola literária a que pertencia, o Realismo, durante as aulas de Literatura.

2) Quais ações de leitura e leitura obrigatória são realizadas em sala de aula com o terceiro ano?

Procuro promover seminários, solicitar a leitura e promover alguns seminários de análise, onde os alunos se manifestam, se posicionam sobre as leituras e após a realização dos seminários e aulas expositivas, eles fazem as provas propriamente ditas, com questões de vestibular também, com o objetivo de prepará-los mesmo pra prova do vestibular. (ALL)

As ações de leitura e leitura obrigatória realizadas em sala de aula com o terceiro ano, segundo o professor, são a solicitação das leituras, seguidas de seminários de análise, onde eles se manifestam e se posicionam a respeito do que leram e a realização de provas com questões de vestibular, como forma de prepará-los.

A questão é saber quantos alunos realmente leram as leituras solicitadas pelo professor e desses, quantos acharam a atividade prazerosa.

3) Você achou válida a atividade desenvolvida, O Caso da Vara, em forma de teatro?

Muito válida. Foi uma experiência muito interessante e os alunos tiveram a oportunidade de se manifestar, de se expor. Foi válido, não só como objeto de leitura, mas também como uma forma de sociabilização. Acho que valeu, sob muitos aspectos, essa atividade, como pros alunos conhecerem a si mesmos. Eles têm um ano inteiro de convívio e muitas vezes, algumas particularidades deles passam batidas e ali a gente pode conhecer, no teatro, até expressões artísticas que se

manifestaram, talentos artísticos, como foi o caso do Luis. Acho que nesse sentido foi muito válido. (ALL)

A atividade desenvolvida foi considerada muito válida pelo professor de Literatura do terceiro ano.

Ele considerou a atividade como uma oportunidade dos alunos se manifestarem, se exporem. Também, segundo ele, foi uma forma de sociabilização, além de um objeto de leitura.

Outro ponto interessante abordado pelo professor foi a dramatização ter possibilitado o autoconhecimento e o conhecimento do outro, entre os alunos, além da descoberta de talentos artísticos até então desconhecidos e que foram uma surpresa muito agradável.

4) Você observou a reação da turma em relação à atividade? A turma como um todo, reações positivas e/ou negativas?

Sim. Inclusive alguns comentaram que foi uma atividade a partir da qual eles puderam visualizar e compreender melhor o texto, de uma forma mais lúdica, mais engraçada, porque o texto teve um caráter meio cômico, então foi muito válido, muito positivo e o retorno que eles deram foi bem positivo também. A compreensão, o universo da compreensão se ampliou bastante com o teatro, com a encenação do texto. (ALL)

Conforme observação do professor, a reação da turma, frente à atividade, foi positiva.

Alguns comentaram que foi uma atividade que possibilitou uma melhor compreensão do texto e que o caráter cômico contribuiu pra isso.

Pode-se verificar que novamente foi feita alusão ao caráter cômico da atividade ter sido um dos motivos de sua apreciação, o que é um ponto a ser trabalhado nas próximas atividades, pois nota-se que é do agrado dos jovens.

5) Você considera válido trabalhar outras leituras obrigatórias nessa modalidade, no caso, o teatro?

Sim. Eu acho que sempre que possível eu vou promover agora umas representações, porque acho que foi uma experiência muito positiva e como eu disse, eles puderam visualizar e se enxergar como atores também do processo de leitura. Geralmente a leitura é uma atividade que é solicitada e que ela é muito solitária, que se dá na casa, onde o aluno faz uma leitura e trás pra sala de aula o que ele compreendeu e ali não, ele pode sociabilizar esse conhecimento e tornar público o que ele conheceu. Isso foi muito válido. Eu já tinha feito uma experiência dessas no passado, em outra escola, com um terceiro ano também, mas não foi tão válida quanto essa, porque aqui eles se mobilizaram muito, as outras turmas também assistiram, a outra foi mais restrita ao grupo mesmo. Nessa experiência dos seminários, durante um seminário um grupo se apresentou, mas assim, de uma forma individualizada. O grupo se apresentar pra outras turmas, isso foi muito interessante. Eu pretendo dar continuidade a essa atividade. (ALL)

O professor considera válido trabalhar outras leituras obrigatórias na modalidade teatro, tanto que pretende promover outras representações com a turma.

Ele também ressalta o fato dos alunos terem se enxergado como atores do processo de leitura. Que geralmente o processo de leitura é individual e se dá na casa do estudante e a atividade possibilitou a leitura em grupo e a sociabilização do conhecimento e da compreensão do texto trabalhado.

Também é observado pelo professor o fato dos jovens terem se mobilizado muito para a realização da peça e as turmas do primeiro e segundo ano terem assistido, ter sido um fator muito importante para o sucesso da atividade.

O fato de ele ter trabalhado anteriormente, o mesmo conto, da mesma forma, com outras turmas e ter considerado essa melhor, só vem a corroborar com o resultado positivo da atividade.

6) Você conseguiu perceber alguma mudança na percepção dos alunos quanto a esse conto, *O Caso da Vara*, após o teatro, em relação à primeira vez que foi trabalhado?

Sim. Como eu disse, a visão se ampliou no sentido que eles puderam se enxergar dentro do texto, puderam visualizar melhor essa lógica da construção do texto, a partir da própria visualização mesmo da peça. (ALL)

Foi percebida, pelo professor, alguma mudança na percepção dos alunos quanto ao conto *O Caso da Vara*, após o teatro, em relação à primeira vez em que foi trabalhado em sala de aula.

Segundo o professor, eles puderam se enxergar dentro do texto, ampliando a visão da obra. Puderam visualizar melhor a lógica da construção do texto.

Acredita-se que o que contribuiu para isso foi o fato de o texto ter sido adaptado para uma linguagem mais atual, mais de acordo com a realidade dos adolescentes do século XXI, além do caráter cômico que também facilita a aceitação, atenção e compreensão por parte dos jovens.

3.3.1.3 Entrevista com os Alunos Atores

A entrevista com os alunos que participaram da peça foi composta por 9 (nove) perguntas, entre as quais se questionou se eles sabiam quais eram as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), se eles já tinham lido alguma, particularmente o conto *O Caso da Vara*, ou outra obra de Machado de Assis e se essa leitura tinha sido obrigatória ou espontânea e se eles tinham gostado.

Também tiveram perguntas que objetivaram verificar se a participação na apresentação teatral estimulou o prazer deles na leitura obrigatória trabalhada e se ela melhorou a compreensão deles a respeito do conto.

Para finalizar questionou-se o interesse deles em participar de outras leituras obrigatórias trabalhadas em forma de teatro e se a dramatização os estimulou a lerem outras obras de Machado de Assis.

1) Dados gerais

LEM (masculino, 18 anos)

AR (feminino, 17 anos)

Foram escolhidos dois alunos dos que participaram da atividade, sendo um do sexo masculino e um do sexo feminino, para termos representantes dos dois sexos.

2) Você sabe quais são as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) 2010?

Mais ou menos. (LEM)

Sei algumas. (AR)

Ambos deram repostas vagas. Nenhum soube citar as leituras obrigatórias.

Acredita-se que o fato de serem 12 (doze) leituras fez com que eles não recordassem, além da tensão de estarem sendo entrevistados.

3) Já leu alguma delas?

Já. (LEM)

Poucas. (AR)

Novamente respostas curtas e vagas. Eles não souberam citar nem as que eles já leram.

AR afirma ter lido poucas, apesar de já estar quase no final do ano letivo.

4) Já leu algum texto de Machado de Assis? Obrigatório ou espontâneo? Gostou? Por quê?

Já. Obrigatório, por causa do colégio. Gostei, porque foi um negócio meio diferente, não foi aquela linguagem rebuscada. (LEM)

Sim. Obrigatório. De alguns contos, eu gostei, porque são engraçados, alguns têm histórias engraçadas. (AR)

Os dois já leram Machado de Assis, infelizmente, por obrigação.

Ambos destacaram que gostaram de alguns contos que tinham algum traço de humor, o que novamente confirma que jovens gostam de histórias engraçadas.

5) Já tinhas lido o conto *O Caso da Vara* anteriormente?

Não. (LEM)

Sim. (AR)

AR já tinha lido *O Caso da Vara* anteriormente à peça e LEM não, apesar de já ter sido trabalhado em sala de aula, conforme disse o professor.

6) A apresentação teatral te propiciou uma leitura prazerosa do texto? Por quê?

Sim. Bastante mesmo. Até, pra aquela pessoa que não gosta de ler, fazendo um teatro mais cômico, até um pouco mais sério, cabe bem direitinho. (LEM)

Sim. Tive uma visão do conto, diferente. (AR)

LEM e AR dizem ter tido uma leitura prazerosa do texto mediante a apresentação teatral.

LEM ressalta que a atividade é propícia também para aqueles que não gostam de ler.

AR diz ter tido uma visão diferente do conto. Acredita-se que melhor.

7) O envolvimento na atividade modificou a tua compreensão do conto?

Sim. Apesar de não ter realmente toda a história detalhada, mas foi bem aprimorado pra história. Se cair no vestibular esse conto eu vou lembrar, com certeza. (LEM)

Pode ser que sim. (AR)

O envolvimento na atividade modificou a compreensão do conto para LEM, que menciona ter aprimorado a história, ou o entendimento dela e que se esse conto cair no vestibular ele irá lembrar com certeza.

Já AR responde que talvez a sua compreensão mudou. Pelo menos sua visão do conto mudou, segundo sua resposta à questão anterior, e isso já é alguma coisa.

8)Gostarias de participar da construção de outros textos obrigatórios apresentados nessa modalidade? Por quê?

Com certeza. Eu gosto muito de teatro. Eu sempre fiz teatro, desde os dez, onze anos, comecei a fazer e sempre gostei. Ainda mais quando tem a ver com a história de um livro, até porque tem a ver com o vestibular, então fica tudo certo. (LEM)

Sim, porque foi muito bom. (AR)

Os dois alunos entrevistados afirmaram ter interesse em participar da construção de outros textos obrigatórios apresentados em forma de teatro. LEM por gostar de teatro desde criança e AR por ter considerado a atividade muito boa.

Essas respostas são um retorno positivo da atividade, demonstrando a aprovação dos alunos e o interesse de participar novamente de um trabalho semelhante.

9) Na sua opinião, a apresentação teatral do conto de Machado de Assis pode contribuir para estimular outras leituras do autor? Por quê?

Pode. Senti vontade de ler outras coisas dele, mas a preguiça bate mais forte e até porque estou na correria com o vestibular, mas com o tempo, irei ler, com certeza. (LEM)

Sim. Não é uma coisa que eu já fiz, mas é uma coisa que eu pretendo. (AR)

Para LEM e AR, a apresentação teatral do conto de Machado de Assis contribuiu para estimular outras leituras do autor, mas nenhum respondeu o porquê.

LEM atesta que ainda não o fez devido à preguiça e aos compromissos com o vestibular.

O ponto positivo é que ambos pretendem reler Machado de Assis. Pode-se considerar um ganho, porque ele é um dos autores que menos agrada os jovens.

3.3.1.4 Entrevista com os Alunos Espectadores

A entrevista com os alunos que assistiram à peça foi composta por 8 (oito) perguntas, entre as quais se questionou se eles sabiam quais eram as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), se eles já tinham lido alguma, particularmente o conto *O Caso da Vara*, ou outra obra de Machado de Assis e se essa leitura tinha sido obrigatória ou espontânea e se eles tinham gostado.

Também tiveram perguntas que objetivaram verificar se a apreciação da apresentação teatral estimulou o prazer deles na leitura obrigatória trabalhada e se ela melhorou a compreensão deles a respeito do conto.

Para finalizar questionou-se o interesse deles em participar ou assistir outras leituras obrigatórias trabalhadas em forma de teatro e se a dramatização os estimulou a lerem outras obras de Machado de Assis.

1) Dados gerais

RLMG. (masculino, 17 anos)

YD (masculino, 18 anos)

JR (feminino, 16 anos)

LP (feminino, 17 anos)

Entre os alunos do terceiro ano que assistiram à peça teatral, foram selecionados 4 (quatro), sendo 2 (dois) meninos e 2 (duas) meninas, para manter a igualdade.

Suas idades variam entre 16 (dezesseis) e 18 (dezoito) anos.

2) Você sabe quais são as leituras obrigatórias para o vestibular da UFRGS 2010?

Não de cor, mas sei quais são. (RLMG)

Não de cor. (YD)

Sei. (JR)

Não todas. (LP)

Igualmente aos alunos atores, os alunos espectadores sabem quais são as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) 2010, se não todas, pelo menos algumas, mas nenhum soube citar alguma, talvez pelo estresse da entrevista.

3) Já leu alguma delas?

Sim. Umas três ou quatro. (RLMG)

Já. (YD)

Já. (JR)

Já. (LP)

Todos já leram alguma leitura obrigatória, o que é um bom sinal, mas apenas RLMG citou a quantidade, ainda que ínfima.

4) Já leu algum texto de Machado de Assis? Obrigatório ou espontâneo? Gostou? Por quê?

Sim. O livro de contos dele e estou começando ler Memórias Póstumas. O Memórias Póstumas foi espontâneo, mas os contos foi pra aula. Dos contos, o único que eu gostei foi aquele dos braços. Dos outros não gostei, porque acho que é meio passado, a época dele. Na época dele tinha mais sentido a história, pra mim não teve muito, mas eu achei engraçado aquele dos braços, porque deu pra ver como é que era na época. (RLMG)

Já. Obrigatório. Não gostei porque é uma leitura difícil. (YD)

Não. (JR)

Sim, já. Obrigatório. Gostei de alguns. (LP)

Os jovens demonstraram timidez e tensão na entrevista, o que tornou algumas de suas respostas curtas e objetivas.

Dos 4 (quatro) entrevistados apenas 1 (um) nunca leu Machado de Assis, 2 (dois) leram somente por obrigação e 1 (um) leu obrigado e espontaneamente.

JR afirma não ter lido Machado de Assis, apesar de já ter sido trabalhado em sala de aula e ser leitura obrigatória para o vestibular, onde constam 3 (três) contos e 1 (um) romance.

RLMG diz ter gostado do conto *Uns Braços* porque era engraçado e que foi pedido pra aula, e que está começando a ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, espontaneamente, apesar de ser uma leitura obrigatória. O importante é que ele está motivado para ler. Também afirma não ter gostado de alguns contos do mesmo autor, por serem ultrapassados, não terem sentido para ele, como jovem.

YD diz não ter gostado por ser uma leitura difícil.

5) Já tinhas lido o conto *O Caso da Vara*?

Já. (RLMG)

Já. (YD)

Não. (JR)

Já. (LP)

Quase todos os entrevistados já tinham lido *O Caso da Vara*, exceto JR, que confirmou a resposta anterior de nunca ter lido Machado de Assis.

6) A apresentação teatral te conduziu ao prazer de ler o texto na forma/modalidade apresentada? Por quê?

Sim. Foi praticamente uma interpretação dos dias de hoje a peça, daí acho que deu pra sacar melhor a idéia do texto. (RLMG)

Sim. (YD)

Conduziu, porque foi engraçado. (JR)

Sim. (LP)

Todos confirmaram que a apresentação teatral conduziu-os ao prazer de ler o texto na forma/modalidade apresentada, inclusive o JR, que nunca tinha lido nada do autor, o que foi um retorno muito positivo.

RLMG atribui esse prazer ao fato da peça ter sido adaptada para os dias de hoje, o que facilitou a compreensão do texto.

JR diz que o que conduziu o prazer no texto foi o fato de ter sido engraçado.

7) Gostarias de assistir e/ou participar de outros textos obrigatórios apresentados nessa modalidade?

Assistir sim, mas participar não. Eu não sou um bom ator. (RLMG)

Assistir sim, participar não. (YD)

Sim. (JR)

Sim. (LP)

Dois alunos afirmaram querer assistir outras apresentações de textos obrigatórios em forma de teatro, mas disseram não querer atuar.

Os outros 2 (dois) disseram que sim, que gostariam de assistir e/ou participar de futuros teatros.

8) Na sua opinião, a apresentação teatral do conto de Machado de Assis pode contribuir para estimular outras leituras do autor?

Sim. Estou tentando ler Memórias Póstumas. (RLMG)

Sim. Futuramente. (YD)

Sim. Agora eu leria. (JR)

Sim, porque foi bem diferente. (LP)

Todos os 4 (quatro) entrevistados afirmaram que a apresentação teatral do conto de Machado de Assis contribuiu para estimular outras leituras do autor. Com destaque para JR, que disse “agora eu leria”, fazendo alusão ao fato de que ela gostou do conto e que tem a pretensão de se iniciar nas leituras do Bruxo do Cosme Velho.

4 RESULTADOS OBTIDOS

Ao final deste processo de observações evidenciaram-se os seguintes resultados:

- a) no primeiro encontro, o grupo demonstrou bastante entusiasmo com a atividade, querendo começar a trabalhar na peça o quanto antes;
- b) no segundo encontro os alunos ficaram empolgados com a ideia de participarem da construção do roteiro;
- c) do primeiro ao último encontro notou-se uma forte carência afetiva dos alunos, que tinham atitudes infantis para chamar a atenção;
- d) os meninos demonstraram ser mais introspectivos e com menos interesse pelas leituras, também são mais dispersivos;
- e) as meninas foram mais receptivas e exteriorizaram os seus sentimentos, além de serem mais concentradas, demonstrando interesse em continuar com as atividades;
- f) os ensaios muito longos se tornaram cansativos para os adolescentes, que não têm paciência para atividades muito extensas, desconcentrando-se;
- g) as leituras que mais envolvem os adolescentes são as que possuem algum tipo de veia cômica;
- h) os ensaios funcionam melhor se trabalhados de forma espontânea, sem obrigatoriedade de seguir o roteiro ao pé da letra;
- i) alguns dos sujeitos demonstraram sentimentos de inferioridade, não acreditando na própria capacidade e não conhecendo seu potencial;
- j) as experiências frustrantes, anteriores, de alguns alunos, com as leituras obrigatórias, não permitem que tenham prontidão para a leitura;
- k) alguns adolescentes voltavam a ser crianças, reagindo com manias e gestos infantis, precisando ser orientados;
- l) independentemente de gostar ou não da leitura, os alunos desenvolveram um vínculo de amizade com a observadora;
- m) a atividade lúdica pode promover o prazer dos alunos em leituras obrigatórias;
- n) é possível prender a atenção, mesmo dos sujeitos mais hiperativos, através das atividades lúdicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho rendeu satisfação não só para quem o desenvolveu, mas também, para os alunos do Ensino Médio, para o professor de Literatura e para a bibliotecária do Colégio Marista São Pedro. A relação gerada entre a mediadora das atividades e os sujeitos estabeleceu vínculos de afeto e amizade contribuindo para o alcance dos objetivos propostos. Esta relação sócio-interacionista atesta que os sujeitos da pesquisa colaboraram para transformar e ser transformados ratificando a hipótese de que o homem depende de interações sociais para se constituir. Quando os sujeitos desta pesquisa transformam e se deixam transformar estão contribuindo para a efetividade do trabalho.

A biblioteca escolar pode estimular o prazer em leituras obrigatórias para o vestibular, com os alunos do Ensino Médio, através de atividades lúdicas, como o teatro. Dessa forma, para alcançar melhores resultados, as atividades devem continuar desde que haja aceitação e interesse dos sujeitos em participar e interagir.

O aluno que obtém prazer ao ler uma leitura obrigatória motiva-se com facilidade a realizar outras leituras do mesmo gênero. Além do que, interage com os outros sujeitos vivenciando momentos de prazer, ludismo e alegria.

As atividades promotoras ao estímulo do prazer em leituras obrigatórias foram desenvolvidas e os seus resultados dependeram não somente da mediadora, mas também, da força de vontade dos sujeitos da pesquisa. É possível que suas autoestimas possam ser elevadas ao efetuarem a interação entre leitura e interpretação, o que suscita a construção do próprio conhecimento ao perceberem que são capazes de adaptar o texto com suas palavras, passando a ser sujeitos de uma criação coletiva.

Dessa forma é possível que apreendam o quanto são importantes essas contribuições não apenas para si, mas para o meio em que estão inseridos.

A observação direta participativa foi o instrumento de coleta de dados, o qual permitiu que a pesquisadora pudesse verificar que as atividades realizadas podem estimular o prazer em leituras obrigatórias com os alunos do Ensino Médio. Este estímulo diz respeito às leituras dramatizadas, promovidas pela mediação, que podem amenizar a sensação de obrigatoriedade e incompreensão do texto.

A entrevista, com questões simples, permitiu que os dados transcritos, no primeiro instrumento, fossem confirmados através das respostas dos sujeitos. Pode-se verificar que os benefícios da leitura, mediada pelo bibliotecário aos sujeitos dessa pesquisa, são múltiplos. Tais benefícios colaboram na interação social do indivíduo com o meio e com os pares, estimulam a curiosidade, a criticidade, a reflexão, a autoanálise com identificações de papéis dos personagens além da descoberta de talentos, até então desconhecidos.

Espera-se que essa pesquisa, recém em seu início, possa contribuir de forma interdisciplinar e significativa para outros trabalhos seja na área da Biblioteconomia seja em qualquer outra área relacionada com o tema. Deseja-se que os principais beneficiários deste trabalho possam ser os alunos do Ensino Médio e os professores e bibliotecários que anseiam por uma leitura mais prazerosa e eficaz dos alunos, no que diz respeito às leituras obrigatórias.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira. **Que Livro Indicar? interesses do leitor jovem**. Porto Alegre: 1979.

ANDRADE, Maria Eugênia Albino. A Biblioteca Faz a Diferença. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **Biblioteca Escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 13-15.

ANTUNHA, Elsa Lima Gonçalves. Avaliação Neuropsicológica na Puberdade e Adolescência. In: OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádia Aparecida (Org.). **Avaliação Psicopedagógica do Adolescente**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 133-151.

AMATO, Mirian; GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A Biblioteca na Escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (Org.). **Biblioteca Escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. cap. 1, p. 9-22.

BARONE, Leda Maria Codeço; BARONE, Karina Codeço. Contribuições da Psicanálise para a Avaliação Psicopedagógica do Adolescente. In: OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádia Aparecida (Org.). **Avaliação Psicopedagógica do Adolescente**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 191-207.

BEE, Helen. **O Ciclo Vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BOSSA, Nádia Aparecida. O Normal e o Patológico na Adolescência. In: OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádia Aparecida (Org.). **Avaliação Psicopedagógica do Adolescente**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 209-284.

CAMPOS, Cláudia de Arruda; BEZERRA, Maria de Lourdes Leandro. Bibliotecas Escolares: um espaço estratégico. In: GARCIA, Edson Gabriel (Org.). **Biblioteca Escolar**: estrutura e funcionamento. São Paulo: Loyola, 1989. cap. 6, p. 77-96.

CARVALHO, Maria da Conceição. Escola, Biblioteca e Leitura. In: CAMPELLO, Bernadete Santos et al. **Biblioteca Escolar**: temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 21-23.

COELHO, Paulo. **O Teatro na Educação**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

COLÉGIO MARISTA SÃO PEDRO. Histórico. Disponível em:
<<http://www.maristas.org.br/colegios/biblioteca/page.asp?cod=12&codpag=5331>>.
Acesso em: 06 de maio de 2009.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini et al. Bibliotecário Escolar: um educador? **ACB**, Florianópolis, v. 7, n. 1/2, p. 107-123, 2002.

FISHER, Peter J. L. Quem lê? O que lê? Quando lê? In: CRAMER, Eugene H.; CASTLE, Marrieta (Org.). **Incentivando o Amor pela leitura**. Porto alegre: Artmed, 2001. p. 67-78.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na Escola. **ACB**, Florianópolis, v. 7, n. 1/2, p. 124-131, 2002.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. **ACB**, Florianópolis, v. 5, n. 5, p. 90-103, 2000.

MORO, Eliane Lourdes da Silva. **Disciplina Leitura, Biblioteconomia e Inclusão Social**. Porto Alegre: [s.n.], 2005.

NERY, Alfredina. Biblioteca Escolar: um jeito de ajeitar a escola. In: GARCIA, Edson Gabriel (Org.). **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. cap. 4, p. 51-60.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Modelo Flexível para um Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares**. Brasília, DF: FEBAB, 1985.

PETIT, Michèle. **Os Jovens e a Leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Ed. 34, 2008.

SANTOS, Marlene Souza. Multimeios na Biblioteca Escolar. In: GARCIA, Edson Gabriel (Org.). **Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Loyola, 1989. cap. 7, p. 97-108.

SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. Ensinar a Pensar: uma atividade da biblioteca escolar. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 7, p. 9-30, 1996.

STUMPF, Ida Regina Chitto. **Funções da Biblioteca Escolar**. Cadernos do CED, Florianópolis, v. 4, n. 10, p. 67-80, jul./dez. 1987. (Folheto).

UNESCO/IFLA. **Manifesto UNESCO/IFLA para Biblioteca Escolar**. 1999. Disponível em: <<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em 01 de maio de 2007.

APÊNDICE A – Projeto Prazer em Ler

PROJETO PRAZER EM LER

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da Instituição: BIBLIOTECA DO COLÉGIO MARISTA SÃO PEDRO

Endereço: Rua Álvaro Chaves,

Cidade: Porto Alegre CEP: 90250-210

CGC: Fone: 3222-4996

E-mail:

biblioteca.saopedro@maristas.org.br

Nome do Responsável: Andréa Inês Calini

Cargo: Estagiária

E-mail: andrea.calini@maristas.org.br

2 IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

Nome do projeto: **PRAZER EM LER**

PROGRAMA

O projeto visa tornar as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) mais prazerosas.

POPULAÇÃO-ALVO

Alunos do terceiro ano do Ensino Médio.

ABRANGÊNCIA

Comunidade escolar do Colégio Marista São Pedro.

DURAÇÃO

Durante todo o ano letivo em um período de Literatura por mês.

INTERFACE/PARCERIAS

Serviço de Orientação Pedagógica e Professores de Literatura do Colégio.

CUSTO TOTAL

Zero.

EQUIPE RESPONSÁVEL

Bibliotecária do Colégio, estagiários do Colégio, SOP e professores de Literatura.

DATA

Período a escolher com o professor.

3 SÍNTESE DA PROPOSTA

A proposta do projeto é tornar as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) mais prazerosas, através de atividades relacionadas.

O presente projeto pretende iniciar com a dramatização do conto *O Caso da Vara*, de Machado de Assis, com coordenação da estagiária Andréa Calini, apoio da bibliotecária Andréa Fontoura e participação dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio que se dispuserem voluntariamente.

Os encontros e ensaios ocorrerão no espaço da biblioteca/auditório. O início previsto será na primeira quinzena de junho de 2009 e término no segundo semestre de 2009

4 JUSTIFICATIVA

Constatou-se pela estagiária da Biblioteca, Andréa Calini, em 2009, que os alunos do terceiro ano do Ensino Médio ficam envolvidos, quase que exclusivamente, com as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A proposta é ajudá-los, tornando essas leituras mais prazerosas, através de atividades relacionadas.

Este projeto justifica-se por estar alinhado à missão e à visão da Rede Marista que visam oferecer uma educação apaixonante, que marque o coração e a mente dos que passam pelas suas escolas e educar através de processos criativos e inovadores.

5 OBJETIVO GERAL

O objetivo do projeto é tornar as leituras obrigatórias para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) mais prazerosas.

6 METODOLOGIA

A metodologia utilizada será variada, dependendo da leitura em questão. Para a primeira atividade será utilizada a forma de teatro para trabalhar o conto *O Caso da Vara* de Machado de Assis.

7 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

No primeiro semestre de 2009 será feito contato com o professor de Literatura do terceiro ano do Ensino Médio e após com os respectivos alunos para comunicar a idéia do projeto e solicitar voluntários para a dramatização. Também nesse semestre serão iniciados os encontros e ensaios da peça.

No segundo semestre de 2009 terão continuidade os ensaios e será realizada a apresentação para toda a comunidade escolar, provavelmente durante a feira do livro com data a ser definida.

9 RECURSOS

9.1 RECURSOS HUMANOS

Como recursos humanos o projeto contará com a participação da estagiária Andréa Calini, da bibliotecária Andréa Fontoura e dos alunos voluntários.

9.2 RECURSOS MATERIAIS E FINANCEIROS

Como recursos materiais e financeiros serão necessários as roupas para os personagens e alguns acessórios de cena.

10 AVALIAÇÃO

Ao final do projeto será feita uma avaliação com todos os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, através de entrevista, para constatar a validade da atividade.

APÊNDICE B – O Caso da Ripa (Adaptação de *O Caso da Vara*)

COLÉGIO MARISTA SÃO PEDRO

Andréa Fontoura da Silva
Andréa Inês Calini
Andressa Liegi Vieira Costa
Andressa Roana Costa Schley
Fernanda Menegassi
Henrique Arambaru Cardoso
João Pedro Vargas Braga
Luiz Eduardo Motta

O CASO DA RIPA

PORTO ALEGRE

2009

Andréa Fontoura da Silva
Andréa Inês Calini
Andressa Liegi Vieira Costa
Andressa Roana Costa Schley
Fernanda Menegassi
Henrique Arambaru Cardoso
João Pedro Vargas Braga
Luiz Eduardo Motta

O CASO DA RIPA

Adaptação do conto O Caso da Vara de Machado de Assis para apresentação na modalidade teatro no Colégio Marista São Pedro.

PORTO ALEGRE

2009

O CASO DA RIPA

NARRADOR - Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto. Não sei bem o ano; foi antes de 1850. Passados alguns minutos parou envergonhado; não contava com o efeito que produzia nos olhos das pessoas aquele seminarista que ia espantado, medroso, fugitivo. Desconhecia as ruas, andava e desandava; finalmente parou. Para onde iria? Para casa, não; lá estava o pai que o devolveria ao seminário, depois de um bom castigo. Para onde iria? Lembrou-se do padrinho, João Carneiro, mas o padrinho era um molengão sem vontade, que sozinho não faria coisa útil. Além do mais, foi ele quem o levou ao seminário. Damião percorreu de memória as casas de parentes e amigos, sem se fixar em nenhuma.

DAMIÃO — Já sei! Vou até Sinhá Rita! Ela manda chamar meu padrinho, diz a ele que quer que eu saia do seminário... Talvez os dois juntos possam me ajudar...

NARRADOR - Sinhá Rita era uma viúva, querida de João Carneiro; Damião tinha umas idéias vagas dessa situação e tratou de a aproveitar. Onde morava? Estava tão atordoado, que só daí a alguns minutos é que se lembrou da casa; era no Bairro Floresta.

Damião acabava de entrar apavorado, no momento de chegar à casa, vira passar um padre, e deu um empurrão à porta, que por sorte não estava trancada. Depois de entrar espiou para ver o padre. Este não deu por ele e ia andando.

SINHÁ RITA — Santo nome de Jesus! Mas que é isto, Sr. Damião? Que vem fazer aqui?

DAMIÃO — Não tenha medo, Sinhá Rita! Não tenha medo, não é nada; vou explicar tudo.

SINHÁ RITA — Descanse; e explique-se.

DAMIÃO — Já te digo; não pratiquei nenhum crime, isso juro; mas espere, que irei lhe explicar.

NARRADOR - Sinhá Rita olhava para ele espantada, e todas as crias, de casa, e de fora, que estavam sentadas em volta da sala, diante das suas almofadas de renda, todas fizeram parar os bilros e as mãos. Sinhá Rita vivia principalmente de ensinar a fazer renda e bordado.

Enquanto o rapaz tomava fôlego, ordenou às pequenas que trabalhassem, e esperou.

SINHÁ RITA – Vocês, voltem ao trabalho já!

DAMIÃO — Sinhá Rita, o seminário me dá muito desgosto. Estou certo de que não posso ser bom padre. Por favor, salve-me!

SINHÁ RITA — Como assim? Não posso nada.

DAMIÃO — Pode sim, se quiser.

SINHÁ RITA — Não, [replicou ela abanando a cabeça] não me meto em negócios de sua família, que mal conheço; muito menos com seu pai, que dizem que é zangado!

Damião viu-se perdido. Ajoelhou-se aos pés, beijou-lhe as mãos, desesperado.

DAMIÃO — Pode muito, Sinhá Rita; peço-lhe pelo amor de Deus, pelo que a senhora tiver de mais sagrado, pela alma de seu marido, salve-me da morte, porque eu mato-me, se voltar para aquele seminário.

SINHÁ RITA — Damião, a vida de padre é santa e bonita. O tempo lhe mostrará que é melhor vencer as repugnâncias e um dia...

DAMIÃO — Não, nunca! Seria minha morte!

redargüia Damião, abanando a cabeça e beijando-lhe as mãos;

Sinhá Rita hesitou ainda muito tempo; afinal perguntou-lhe:

SINHÁ RITA — Por que não vai falar com o seu padrinho?

DAMIÃO — Meu padrinho? Esse é ainda pior que papai; não me atende, duvido que atenda a ninguém...

SINHÁ RITA — Não atende? Ora, eu lhe mostro se atende ou não...

SINHÁ RITA — Moleque! Venha cá!

MOLEQUE — Sim, Sinhá Rita! Estou aqui!

SINHÁ RITA — Vá à casa do Sr. João Carneiro chamá-lo, e se não estiver em casa, pergunte onde pode ser encontrado, e corre a dizer que preciso muito falar com ele imediatamente. Anda, moleque!

NARRADOR - Damião suspirou alto e triste. Ela, para mascarar a autoridade com que dera aquelas ordens, explicou ao moço que o Sr. João Carneiro foi amigo do marido e arranjou-lhe algumas crias para ensinar. Depois, como ele continuava triste, puxou-lhe o nariz, rindo:

SINHÁ RITA — Ande lá, seu padreco, descanse que tudo se há de arranjar.

NARRADOR - Sinhá Rita tinha quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era “pirigueti”, festeira, alegre; mas, quando

convinha, brava como diabo. Quis alegrar o rapaz, e, apesar da situação, não lhe custou muito.

[Dentro de pouco, ambos eles riam, ela contava-lhe anedotas, e pedia-lhe outras, que ele referia com singular graça. Uma destas, estúrdia, obrigada a trejeitos, fez rir a uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a:]

SINHÁ RITA — Lucrécia, olha a ripa!

[A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio.]

NARRADOR - Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrécia receberia o castigo do costume. Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversa. Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la, se não acabasse a tarefa. Sinhá Rita não lhe negaria o perdão... Demais, ela rira por achar-lhe graça; a culpa era sua, se há culpa em ter graça.

DAMIÃO – Coitada, se você não acabar a tarefa deixe que eu a apadrinho.

NARRADOR - Nisto, chegou João Carneiro. Empalideceu quando viu ali o afilhado, e olhou para Sinhá Rita, que não gastou tempo com preâmbulos.

SINHÁ RITA – É preciso tirar o guri do seminário, ele não tem vocação para a vida de padre, antes um padre a menos que um padre ruim. Aqui ele também pode amar e servir a Nosso Senhor.

[João Carneiro, assombrado, não achou que replicar durante os primeiros minutos; afinal, abriu a boca e repreendeu o afilhado por ter vindo incomodar "pessoas estranhas", e em seguida afirmou que o castigaria.]

JOÃO CARNEIRO - Quem mandou você vir incomodar pessoas entranhas, hein?! Vai ter castigo!

SINHÁ RITA — Que castigar que nada! Castigar por quê? Vá, vá falar a seu compadre.

JOÃO CARNEIRO — Não garanto nada, não creio que seja possível...

SINHÁ RITA — Há de ser possível, garanto eu. Se o senhor quiser, tudo se há de arranjar. Peça-lhe muito, que ele cede. Ande, Senhor João Carneiro, seu afilhado não volta para o seminário; digo que não volta...

JOÃO CARNEIRO — Mas, minha senhora...

SINHÁ RITA — Vá, vá.

NARRADOR - João Carneiro não se animava a sair, nem podia ficar. Estava entre um puxar de forças opostas. Não lhe importava, que o rapaz acabasse padre, advogado ou médico, ou outra qualquer coisa, vadio que fosse; mas o pior é que lhe cometiam uma luta com os sentimentos mais íntimos do compadre, sem certeza do resultado; e, se este fosse negativo, outra luta com Sinhá Rita, cuja última palavra era ameaçadora: "digo-lhe que ele não volta". Tinha de haver por força um escândalo. João Carneiro estava com a pupila desvairada, a pálpebra trêmula, o peito ofegante. Os olhares que deitava a Sinhá Rita eram de súplica, mesclados de um tênue raio de censura.

JOÃO CARNEIRO – Por que não me pede outra coisa? Por que não me pede que eu vá a pé, debaixo de chuva, à Uruguaiana ou ao Chuí? Mas logo convencer o compadre que mudasse a carreira do filho... Conhecia o velho; era capaz de lhe quebrar uma jarra na cara. Ah! se o rapaz caísse ali, de repente, apoplético, morto! Era uma solução — cruel, é certo, mas definitiva.

SINHÁ RITA — Então?

Ele fez-lhe um gesto de mão que esperasse. Coçava a barba, procurando um recurso.

JOÃO CARNEIRO - Deus do céu! Um decreto do papa dissolvendo a Igreja, ou, pelo menos, extinguindo os seminários, faria acabar tudo bem. Eu voltaria para casa e ia jogar o meu play 3. Mas a Igreja continuava, os seminários continuavam, o afilhado continuava grudado à parede, olhos baixos, esperando, sem solução.

SINHÁ RITA — Vá, vá,

disse Sinhá Rita dando-lhe o chapéu.

NARRADOR - Não teve remédio. João Carneiro pegou seu chapéu e seguiu para a casa de seu compadre. Damião respirou; deixou-se estar na mesma, olhos fincados no chão, acabrunhado. Sinhá Rita puxou-lhe desta vez o queixo.

SINHÁ RITA — Vá jantar, deixe de xororô.

DAMIÃO — A senhora acredita que ele conseguirá convencer papai?

SINHÁ RITA — Claro que conseguirá, ou não me chamo Sinhá Rita! Ande, que a sopa está esfriando.

NARRADOR - Apesar do gênio brincalhão de Sinhá Rita e do seu próprio espírito leve, Damião esteve menos alegre ao jantar que na primeira parte do dia. Não fiava do caráter mole do padrinho. Contudo, jantou bem. Terminado o jantar, voltaram à sala. Damião não esqueceu Lucrécia e olhou para ela. Viu-a com a cabeça metida na almofada para acabar a tarefa.

NARRADOR - A tarde caiu de todo. A alma de Damião foi-se fazendo tenebrosa, antes da noite. Que estaria acontecendo? De instante a instante, ia espiar pela porta, e voltava cada vez mais desanimado. Nem sombra do padrinho. Com certeza, o pai fez ele se calar, mandou chamar dois negros, foi à polícia, e aí vinha pegá-lo à força e levá-lo ao seminário. Damião perguntou a Sinhá Rita se haveria modo de fugir pelos fundos, ou se era melhor falar a algum vizinho que fizesse o favor de o receber. O pior era a batina; se Sinhá Rita lhe pudesse arranjar um casacão velho... Sinhá Rita tinha justamente de um casacão, lembrança ou esquecimento de João Carneiro.

DAMIÃO – Sinhá Rita, a Senhora não tem algum casaco para eu pôr por cima da batina?

SINHÁ RITA — Tenho um casacão do meu defunto, mas para que tanto medo? Tudo se há de arranjar, descanse.

NARRADOR - Afinal, à boca da noite, apareceu um escravo do padrinho, com uma carta para Sinhá Rita, que nela dizia:

“O negócio não deu certo; o pai ficou furioso e quis quebrar tudo. Lutei muito para conseguir que o compadre não resolvesse logo. Amanhã irei lá ver o homem, e teimarei de novo. Aconselho Damião a voltar para casa.”

PAI – Não senhor! O guri volta ao seminário, ou então o mando para a fazenda plantar aipim!

JOÃO CARNEIRO – Se acalme compadre. Durma um pouco e pense melhor, será que é bom mandar à Igreja um sujeito tão rebelde? Amanhã eu volto para saber sua resposta.

NARRADOR - Damião acabou de ler a carta e olhou para Sinhá Rita. Não tenho outra tábua de salvação, pensou ele. Sinhá Rita tratou de responder. Fechou a carta e deu-a ao escravo, para que a levasse depressa. Voltou a reanimar o seminarista, que estava outra vez tristonho.

SINHÁ RITA – Lucrécia, me traga um papel e uma caneta, já! "Joãozinho, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos".

SINHÁ RITA — Esse negócio agora é meu. Hão de ver para quanto presto! Não sou de brincadeiras!

NARRADOR - Era a hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os; todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só Lucrécia estava ainda à almofada, bordando, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

SINHÁ RITA — Ah! malandra!

LUCRÉCIA — Nhanhã, nhanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no céu.

SINHÁ RITA — Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

[Lucrécia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora, e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.]

SINHÁ RITA — Anda cá!

LUCRÉCIA — Minha senhora, me perdoe!

[tossia a negrinha.]

SINHÁ RITA — Não perdôo, não. Onde está a ripa?

[E tornaram ambas à sala, uma presa pela orelha, debatendo-se, chorando e pedindo; a outra dizendo que não, que a havia de castigar.]

SINHÁ RITA — Onde está a ripa?

NARRADOR - A ripa estava encostada à parede, do outro lado da sala, do lado de Damião. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, gritou ao seminarista.

SINHÁ RITA — Sr. Damião dê-me aquela ripa, faz favor?

NARRADOR - Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho...

SINHÁ RITA — Dê-me a ripa, Sr. Damião!

LUCRÉCIA — Me ajude, meu sinhô moço!

NARRADOR - Damião chegou a estender a mão em direção da ripa.

LUCRÉCIA — Pelo amor de Deus, me ajuda sinhô moço! Por tudo o que há de mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

NARRADOR - Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela ripa, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu pena da negrinha; mas ele precisava tanto sair do seminário!

DAMIÃO – E agora o que faço? Jurei apadrinhá-la, afinal, a culpa foi minha não ter acabado o trabalho... Mas eu preciso tanto sair do seminário, só Sinhá Rita conseguirá me ajudar...

Pegou na ripa e entregou-a a Sinhá Rita.

APÊNDICE C – Fotos do Teatro











ANEXO A – O Caso da Vara (Machado de Assis)

O CASO DA VARA

Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto. Não sei bem o ano; foi antes de 1850. Passados alguns minutos parou vexado; não contava com o efeito que produzia nos olhos da outra gente aquele seminarista que ia espantado, medroso, fugitivo. Desconhecia as ruas, andava e desandava; finalmente parou. Para onde iria? Para casa, não; lá estava o pai que o devolveria ao seminário, depois de um bom castigo. Não assentara no ponto de refúgio, porque a saída estava determinada para mais tarde; uma circunstância fortuita a apressou. Para onde iria? Lembrou-se do padrinho, João Carneiro, mas o padrinho era um moleirão sem vontade, que por si só não fazia coisa útil. Foi ele que o levou ao seminário e o apresentou ao reitor:

— Trago-lhe o grande homem que há de ser, disse ele ao reitor.

— Venha, acudiu este, venha o grande homem, contanto que seja também humilde e bom. A verdadeira grandeza é chã. Moço...

Tal foi a entrada. Pouco tempo depois fugiu o rapaz ao seminário. Aqui o vemos agora na rua, espantado, incerto, sem atinar com refúgio nem conselho; percorreu de memória as casas de parentes e amigos, sem se fixar em nenhuma. De repente, exclamou:

— Vou pegar-me com Sinhá Rita! Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário... Talvez assim...

Sinhá Rita era uma viúva, querida de João Carneiro; Damião tinha umas idéias vagas dessa situação e tratou de a aproveitar. Onde

morava? Estava tão atordoado, que só daí a alguns minutos é que lhe acudiu a casa; era no Largo do Capim.

— Santo nome de Jesus! Que é isto? bradou Sinhá Rita, sentando-se na marquesa, onde estava reclinada.

Damião acabava de entrar espavorido; no momento de chegar à casa, vira passar um padre, e deu um empurrão à porta, que por fortuna não estava fechada a chave nem ferrolho. Depois de entrar espiou pela rótula, a ver o padre. Este não deu por ele e ia andando.

— Mas que é isto, Sr. Damião? bradou novamente a dona da casa, que só agora o conhecera. Que vem fazer aqui?

Damião, trêmulo, mal podendo falar, disse que não tivesse medo, não era nada; ia explicar tudo.

— Descanse; e explique-se.

— Já lhe digo; não pratiquei nenhum crime, isso juro; mas espere.

Sinhá Rita olhava para ele espantada, e todas as crias, de casa, e de fora, que estavam sentadas em volta da sala, diante das suas almofadas de renda, todas fizeram parar os bilros e as mãos. Sinhá Rita vivia principalmente de ensinar a fazer renda, crivo e bordado. Enquanto o rapaz tomava fôlego, ordenou às pequenas que trabalhassem, e esperou. Afinal, Damião contou tudo, o desgosto que lhe dava o seminário; estava certo de que não podia ser bom padre; falou com paixão, pediu-lhe que o salvasse.

— Como assim? Não posso nada.

— Pode, querendo.

— Não, replicou ela abanando a cabeça; não me meto em negócios de sua família, que mal conheço; e então seu pai, que dizem que é zangado!

Damião viu-se perdido. Ajoelhou-se-lhe aos pés, beijou-lhe as mãos, desesperado.

— Pode muito, Sinhá Rita; peço-lhe pelo amor de Deus, pelo que a senhora tiver de mais sagrado, por alma de seu marido, salve-me da morte, porque eu mato-me, se voltar para aquela casa.

Sinhá Rita, lisonjeada com as súplicas do moço, tentou chamá-lo a outros sentimentos. A vida de padre era santa e bonita, disse-lhe ela; o tempo lhe mostraria que era melhor vencer as repugnâncias e um dia... Não, nada, nunca! redargüia Damião, abanando a cabeça e beijando-lhe as mãos; e repetia que era a sua morte. Sinhá Rita hesitou ainda muito tempo; afinal perguntou-lhe por que não ia ter com o padrinho.

— Meu padrinho? Esse é ainda pior que papai; não me atende, duvido que atenda a ninguém...

— Não atende? interrompeu Sinhá Rita ferida em seus brios. Ora, eu lhe mostro se atende ou não...

Chamou um moleque e bradou-lhe que fosse à casa do Sr. João Carneiro chamá-lo, já e já; e se não estivesse em casa, perguntasse onde podia ser encontrado, e corresse a dizer-lhe que precisava muito de lhe falar imediatamente.

— Anda, moleque.

Damião suspirou alto e triste. Ela, para mascarar a autoridade com que dera aquelas ordens, explicou ao moço que o Sr. João Carneiro fora amigo do marido e arranjava-lhe algumas crias para ensinar. Depois,

como ele continuasse triste, encostado a um portal, puxou-lhe o nariz, rindo:

— Ande lá, seu padreco, descanse que tudo se há de arranjar.

Sinhá Rita tinha quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era apessoada, viva, patusca, amiga de rir; mas, quando convinha, brava como diabo. Quis alegrar o rapaz, e, apesar da situação, não lhe custou muito. Dentro de pouco, ambos eles riam, ela contava-lhe anedotas, e pedia-lhe outras, que ele referia com singular graça. Uma destas, estúrdia, obrigada a trejeitos, fez rir a uma das crias de Sinhá Rita, que esquecera o trabalho, para mirar e escutar o moço. Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa, e ameaçou-a:

— Lucrécia, olha a vara!

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrécia receberia o castigo do costume. Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação. Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la, se não acabasse a tarefa. Sinhá Rita não lhe negaria o perdão... Demais, ela rira por achar-lhe graça; a culpa era sua, se há culpa em ter chiste.

Nisto, chegou João Carneiro. Empalideceu quando viu ali o afilhado, e olhou para Sinhá Rita, que não gastou tempo com preâmbulos. Disse-lhe que era preciso tirar o moço do seminário, que ele não tinha vocação para a vida eclesiástica, e antes um padre de menos que um padre ruim. Cá fora também se podia amar e servir a Nosso Senhor. João Carneiro, assombrado, não achou que replicar durante os

primeiros minutos; afinal, abriu a boca e repreendeu o afilhado por ter vindo incomodar "pessoas estranhas", e em seguida afirmou que o castigaria.

— Qual castigar, qual nada! interrompeu Sinhá Rita. Castigar por quê? Vá, vá falar a seu compadre.

— Não afianço nada, não creio que seja possível...

— Há de ser possível, afianço eu. Se o senhor quiser, continuou ela com certo tom insinuativo, tudo se há de arranjar. Peça-lhe muito, que ele cede. Ande, Senhor João Carneiro, seu afilhado não volta para o seminário; digo-lhe que não volta...

— Mas, minha senhora...

— Vá, vá.

João Carneiro não se animava a sair, nem podia ficar. Estava entre um puxar de forças opostas. Não lhe importava, em suma, que o rapaz acabasse clérigo, advogado ou médico, ou outra qualquer coisa, vadio que fosse; mas o pior é que lhe cometiam uma luta ingente com os sentimentos mais íntimos do compadre, sem certeza do resultado; e, se este fosse negativo, outra luta com Sinhá Rita, cuja última palavra era ameaçadora: "digo-lhe que ele não volta". Tinha de haver por força um escândalo. João Carneiro estava com a pupila desvairada, a pálpebra trêmula, o peito ofegante. Os olhares que deitava a Sinhá Rita eram de súplica, mesclados de um tênue raio de censura. Por que lhe não pedia outra coisa? Por que lhe não ordenava que fosse a pé, debaixo de chuva, à Tijuca, ou Jacarepaguá? Mas logo persuadir ao compadre que mudasse a carreira do filho... Conhecia o velho; era capaz de lhe quebrar uma jarra na cara. Ah! se o rapaz caísse ali, de repente, apoplético, morto! Era uma solução — cruel, é certo, mas definitiva.

— Então? insistiu Sinhá Rita.

Ele fez-lhe um gesto de mão que esperasse. Coçava a barba, procurando um recurso. Deus do céu! um decreto do papa dissolvendo a Igreja, ou, pelo menos, extinguindo os seminários, faria acabar tudo em bem. João Carneiro voltaria para casa e ia jogar os *três-setes*. Imaginai que o barbeiro de Napoleão era encarregado de comandar a batalha de Austerlitz... Mas a Igreja continuava, os seminários continuavam, o afilhado continuava cosido à parede, olhos baixos, esperando, sem solução apoplética.

— Vá, vá, disse Sinhá Rita dando-lhe o chapéu e a bengala.

Não teve remédio. O barbeiro meteu a navalha no estojo, travou da espada e saiu à campanha. Damião respirou; exteriormente deixou-se estar na mesma, olhos fincados no chão, acabrunhado. Sinhá Rita puxou-lhe desta vez o queixo.

— Ande jantar, deixe-se de melancolias.

— A senhora crê que ele alcance alguma coisa?

— Há de alcançar tudo, redargüiu Sinhá Rita cheia de si. Ande, que a sopa está esfriando.

Apesar do gênio galhofeiro de Sinhá Rita e do seu próprio espírito leve, Damião esteve menos alegre ao jantar que na primeira parte do dia. Não fiava do caráter mole do padrinho. Contudo, jantou bem; e, para o fim, voltou às pilhérias da manhã. À sobremesa, ouviu um rumor de gente na sala, e perguntou se o vinham prender.

— Hão de ser as moças.

Levantaram-se e passaram à sala. As moças eram cinco vizinhas que iam todas as tardes tomar café com Sinhá Rita, e ali ficavam até o cair da noite.

As discípulas, findo o jantar delas, tornaram às almofadas do trabalho. Sinhá Rita presidia a todo esse mulherio de casa e de fora. O sussurro dos bilros e o palavrear das moças eram ecos tão mundanos, tão alheios à teologia e ao latim, que o rapaz deixou-se ir por eles e esqueceu o resto. Durante os primeiros minutos, ainda houve da parte das vizinhas certo acanhamento, mas passou depressa. Uma delas cantou uma modinha, ao som da guitarra, tangida por Sinhá Rita, e a tarde foi passando depressa. Antes do fim, Sinhá Rita pediu a Damião que contasse certa anedota que lhe agradara muito. Era a tal que fizera rir Lucrecia.

— Ande, senhor Damião, não se faça de rogado, que as moças querem ir embora. Vocês vão gostar muito.

Damião não teve remédio senão obedecer. Malgrado o anúncio e a expectativa, que serviam a diminuir o chiste e o efeito, a anedota acabou entre risadas das moças. Damião, contente de si, não esqueceu Lucrecia e olhou para ela, a ver se rira também. Viu-a com a cabeça metida na almofada para acabar a tarefa. Não ria; ou teria rido para dentro, como tossia.

Saíram as vizinhas, e a tarde caiu de todo. A alma de Damião foi-se fazendo tenebrosa, antes da noite. Que estaria acontecendo? De instante a instante, ia espiar pela rótula, e voltava cada vez mais desanimado. Nem sombra do padrinho. Com certeza, o pai fê-lo calar, mandou chamar dois negros, foi à polícia pedir um pedestre, e aí vinha pegá-lo à força e levá-lo ao seminário. Damião perguntou a Sinhá Rita se a casa não teria saída pelos fundos; correu ao quintal, e calculou que podia saltar o muro. Quis ainda saber se haveria modo de fugir para a Rua da Vala, ou se era melhor falar a algum vizinho que fizesse

o favor de o receber. O pior era a batina; se Sinhá Rita lhe pudesse arranjar um rodague, uma sobrecasaca velha... Sinhá Rita dispunha justamente de um rodague, lembrança ou esquecimento de João Carneiro.

— Tenho um rodague do meu defunto, disse ela, rindo; mas para que está com esses sustos? Tudo se há de arranjar, descanse.

Afinal, à boca da noite, apareceu um escravo do padrinho, com uma carta para Sinhá Rita. O negócio ainda não estava composto; o pai ficou furioso e quis quebrar tudo; bradou que não, senhor, que o peralta havia de ir para o seminário, ou então metia-o no Aljube ou na presiganga. João Carneiro lutou muito para conseguir que o compadre não resolvesse logo, que dormisse a noite, e meditasse bem se era conveniente dar à religião um sujeito tão rebelde e vicioso. Explicava na carta que falou assim para melhor ganhar a causa. Não a tinha por ganha; mas no dia seguinte lá iria ver o homem, e teimar de novo. Concluía dizendo que o moço fosse para a casa dele.

Damião acabou de ler a carta e olhou para Sinhá Rita. Não tenho outra tábua de salvação, pensou ele. Sinhá Rita mandou vir um tinteiro de chifre, e na meia folha da própria carta escreveu esta resposta: "Joãozinho, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos". Fechou a carta com obreia, e deu-a ao escravo, para que a levasse depressa. Voltou a reanimar o seminarista, que estava outra vez no capuz da humildade e da consternação. Disse-lhe que sossegasse, que aquele negócio era agora dela.

— Hão de ver para quanto presto! Não, que eu não sou de brincadeiras!

Era a hora de recolher os trabalhos. Sinhá Rita examinou-os; todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só Lucrecia estava ainda à almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela,

viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha.

— Ah! malandra!

— Nanhã, nanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no céu.

— Malandra! Nossa Senhora não protege vadias!

Lucrecia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora, e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a.

— Anda cá!

— Minha senhora, me perdoe! tossia a negrinha.

— Não perdôo, não. Onde está a vara?

E tornaram ambas à sala, uma presa pela orelha, debatendo-se, chorando e pedindo; a outra dizendo que não, que a havia de castigar.

— Onde está a vara?

A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista.

— Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho...

— Dê-me a vara, Sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita.

ANEXO B – Resolução nº16/2006-CEPE de 08/03/2006**RESOLUÇÃO Nº16/2006-CEPE de 08/03/2006**

O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (COPERSE), em sessão de 08/03/2006 , tendo em vista o constante no processo nº 23078.000052/06-65, nos termos do Parecer nº 13/2006 da Comissão de Diretrizes do Ensino, Pesquisa e Extensão, com a emenda aprovada em Plenário, resolve aprovar a sistemática de substituição da lista de Leituras Obrigatórias para a prova de Literatura de Língua Portuguesa do Concurso Vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a partir do Concurso Vestibular de 2007, da forma a seguir:

- a) a Lista de Leituras Obrigatórias terá 12 títulos, sendo que anualmente serão substituídos 4 destes títulos;
- b) serão mantidos inicialmente 8 títulos que constam da lista vigente sendo-lhe acrescentados 4 novos títulos;
- c) a lista de 12 títulos será composta na forma de 3 blocos de 4 títulos, numerados de 1 a 3, respeitando, cada um deles, os critérios de variedade de gêneros e períodos literários;
- d) serão substituídos na lista sucessivamente os blocos 3, 2 e 1, nesta ordem, para sua conseqüente renovação, reiniciando-se o ciclo após a substituição do bloco 1;
- e) cada ano, a lista de Leituras Obrigatórias será divulgada no site da COPERSE, no mês de março, e será incluída no Manual do Candidato, no qual também constará uma remissão explícita aos meios através dos quais o candidato encontrará a lista para dela tomar conhecimento.